

4 POEMAS

Gritos bebem dos vasos de silêncio acúleo
cheios como barrocos muros da carne da tinta ou pele
ou do sal do fervor dos ventos.

A poesia absoluta cria
o ímpeto de que poetas são precisados
para expor palavras engradadas
nas engrenagens das imagens
pela imaginação engendradas.

Poema, cálice deserto, barro espalhado
do páramo da página para
as mãos do verbo gerador
esculpir entre desvãos e sombras
palavras que lábios ainda não disseram.

Bocas sonham com sedes imensas
enormes como os mares
atravessam-nas sedas sinuosas
(enfeitiçam-nas outras disfarçadas
de aridez noturna que coa luz).

junho /2014

ALÉM DOS LIMITES DA LINGUAGEM

Cada passo

em falso

leva poeta

a cadafalso

da página.

Culto ao baraço.

Amor ao báratro.

Sou estalagens, arreios, urupembas.

Sonho com doutores de Bizâncio.

Não ao ler Yeats.

Anos enriquecendo o poema (não o ânus).

De tragos de absoluto ébrio.

Antes que a poesia se torne estridente
abandonarei os testículos do silêncio
(depostos por minhas mãos impotentes
por meus dedos e estrias do rosto esmagados)
enfunarei a vela ao martírio do grito
estrangulado na garganta do mundo
(e me acordarei confuso).

Traziam no rosto uivos (mecânicos uivos)
e grandes máscaras sinceras)
dos balcões da alegria acenavam
aos escritórios do meio-dia
à noite a tristeza os acorrentavam
a mais decadente insônia

é que estamos cansados de ser.

Nota: Não é sarcasmo de masmorra.

DESUTILIDADES

(OU NUAS INUTILIDADES)

A fome é mais real que o pão.

É inútil a morte (além da poesia).

Na nova Calidônia apanho orquídeas aldeãs.

Ao arado, às estrelas

aos cálidos portos do sal

e a navios mortos (em portos sepultos)

um poema marítimo e bucólico.

SEISPOEMAS

Cardeais de orvalho sobre
pássaros gotejam úmidas preces
habitam cálices púrpuros
enquanto diáconos dançam
em taças sem pompa
balés de ambrosias
nos sacros salões do íntimo fervor.

II

E Rimbaud filmou uma pedra
em silêncio mortal.

III

Céu de mármore carcome
tempo de basalto.

IV

A reflexão é empiria intuitiva
cinismo forma de ilusão.

V

O reflexo é a realidade
é um fosso em si (bemol).

VI

Povo ignorante, instrumento cego
de sua própria destruição.

A NUCA DO ANURO (OU ANURODELO)

Segui pela linha avançada dos cílios
por entre o campo minado da pálpebra
front duplo dos olhos
torneando órbita bélica da face

buscava a peregrina palavra
presa da órfica página
derramada do rosto
como quem se aventura numa metáfora

gélido hálito da cela
antro de minha ventura
marcado verbo no mundo
ultrapassei como um demônio

e no rastro da íngreme memória
ou muro que anula o olhar

finalmente alcancei
a nuca do anuro.

(entre três cálices num bar
das Canárias).

Abril/2011

HISTÓRIA DA MORTE

I

A morte é eterna
como Deus sem fim.

Entre eternidade negra
e branco infinito

homem esmaga-se
alma se debulha.

II

A morte nasceu

antes do sopro

que fendeu o homem

entre respiração e fôlego se alojou.

Fiat mors, gritou Deus desconfiado (de improviso)

logo no início. (A morte é anterior à vida).

FALO EM LEVANTE

Minha voz é sal alevantando-se

duna branca que a tireóide acalma

lua de cócoras, pâncreas enlevado

raiz do céu dentro da garganta

minha voz é uma rua de Istambul na primavera

uma fuga do esôfago para a cela da alma

a palavra revascularizada

sintagma afrontando banalidades

cães vocais estraçalhando silêncio aberto

vorazes panteras contra a palavra adentre

minha voz é um céu sem madrepérola
que concha e mãe da pérola acostumaram

minha voz é torvelinho lento de abelha
catilinária contemporânea adigitálica

o amplexo da página
o rascunho da alma

minha voz é um esteiro, peleja, ato
crucial da palavra enlouquecendo

no palco da lauda a degolar hamlets
e a ela se aderem nosocômios e baratas lusas

minha voz hímen da hermenêutica
preserva, selo apocalíptico sabota

se viola exegeses, ama perplexidades leitorais
se rechaça rimas velhas, adota pose de verbo

é um gozo e uma declaração complexa (e perplexa)
larva de abutre, ato de treva minha voz

cadáver alevantando-se contra a pátria do caixão
roupa alevantada contra eitos de mortalha.

Minha fala estende-se do limbo da página

ao lençol frenético da alma

como um morto dentre do túmulo

ou pássaro dentro da pedra molhada

falo de levante e de baixios

não falo de aves, encantos pueris, cílios postiços

como posturas municipais ou transcendências ocas

banalizando a palavra carne

o verbo domesticando ou enevoando

o leito do sintagma quanto

falo do êxtase alevantando-se

cativar espírito luxurioso.

BULA E HINO

O sublime é imortal

Sobre cadáver de bálsamo
pedras de pranto derrames
lume deites dum vaso d'aroma noturno
com desejos de incêndio untes
sal de antúrio
com ânsias de lince
rondes coração escuro mas
não desistas do nome em prol do trânsito
alma entregues a caprichos do id
sintas culpa do corpo, pecados bebas a copos
gota de cânhamo asperjas
deixes que uive a linhagem
(nunca esqueças que da palavra veio o mundo
e Deus é o veio do verbo que modelas).

Oceano Atlântico, 2010

(à beira da Mauritânia)

(poema recomposto num cais de Funchal

ante lençóis de bacalhaus pequenos

estendidos em fileiras nuas marítimas

após três tragos e meio de absinto luso

(a 80 graus) e uma poncha).

NARRATIVA PÓS-MODERNA

Estive no sal

logo após o açúcar malévolo

num declive amaro

do bairro esquerdo

(perto da esquina rude onde

velho almirante mijava religiosamente)

quando um gato apareceu de robe rosa primoroso

e um copo despiu-se dum resto de licor

(a rolha arregaçada estava encostada ainda

próxima a uma trouxa de pênis

de plástico ocidental).

E uma cebola começou a descascar-se de súbito

(não mais que de súbito)

de uma pilha de pílulas vermelha (com tintas diazepânicas)

brotou universo interessante no entanto pânico

foi quando a grua chorou
a pobre grua da esquerda começou a
derramar grossas lágrimas de gusa.
Cardumes de estrelas
grossas de fráguas
ferros armoriados
centelhas suculentas
dos hipnóticos olhos dos anjos
(lágrimas escapando
como lágrimas coaguladas)
confins de água lançados como relâmpagos úmidos
horizontes vorazes e escarpados esventrados
cânions escravizados
do último lugar do mar escapando
chispas de Lezama
o ser esplendor
entre coivaras, vertigens e gaivotas é próprio do poeta.

22.05.2011

Este poema prenehe de visões marítimas
coalhados de ondas picadas e enérgicas
de voos aquáticos percorrido
de travessias e águas alastrado
como foi composto
duma cadeira de vigia do convés
do Bleu de France.

PÉTALAS METÁLICAS DA PALAVRA

Consoantes são bem-vindas ao poema
em especial quando aliteram.

Sílabas são deltas de lágrimas
derramando-se em cones da página

e a imaginação em correnteza leva
fluxo ao poema.

CANTO D'ÁGUA

Água cai como lágrima
no chão tórrido (da alma?)
e no teclado da telha cria
sinfonias líquidas e altas.

AOS LIMBOS DE BAUDELAIRE

Sobre limbos compotas anônimas
narcisos já podres e licores aqueus
além de rastros velhos de ateus.

À noite nas principais avenidas
é como se a nus falassem
(de roupas deléveis e nudez sincera)
como se cantassem vestes
dentro do dia da terra.

A poesia não deixa na boca
algo como leveza, deixa travo.
Não é o poema questão de gosto
ou algo parecido à maestria culinária.
Gramática assada com molho de sintaxe
pode ser palatável, poema nunca.

O poema é como energia esvaindo-se
pelas veias do torpor.

Ao sabor amaro da vida oponha
o ruído das espáduas.
(poema de autoajuda absoluta).

DECLARAÇÃO IMPEREMPTÓRIA

Não é que a poesia seja absoluta
é que o poeta precisa ser absoluto
(não hegeliano, lógico) na poesia.
E nunca relativo à página.
Ou mero servidor da lauda.

O poeta elementar é serviçal
da rima e da escansão exatas.

POEMA ABSOLUTO

Justo brilho de ogivas
algemas de ouro para a justiça.
Tudo pela inequidade larga.

O poeta acumula na página
caixas e mais caixas de sede (áspera).

O ritmo podre das sílabas

neuroticamente escandidas uma a uma
como rosário dos lábios
a gramática vencida
o sexo da rima.

E a manhã vem beber-lhe o rosto ártico
e ele não sabe que a luz vem do nada
aferir-lhe as pálpebras ávidas.
E tudo é acidez incólume e vasta
cúmplice do homem.

Beija-
flor de nuance azul e néctar bêbado.
Enrola teu corpo ao meu... e só.

NÃO POEMA

Luz avara de céu sem pássaro
quando homens loucos correm como ribeiros
e as copas das árvores ficam tristes
e o invólucro da treva se desata.

Rumor noturno se ergue (ereto como bandeira)
do abismo do acaso do poema.

Acaso de lua é o que nos faz ser.

À infância mecânica.

E à mecânica da dura insônia

(às catracas que roem os olhos

à vigília que os habitam como sombras).

CINCO POEMAS DE 2014

Me ensimesmo em ti

de braços amo-te mais

Quantos oceanos (lascivos ou ferozes)

se demoram em teus olhos, amiga?

O conto que começou amanhã

não dorme a não ser

na garganta de ontem. (Escreva!).

O nome não é noturno

é assíduo e mora no rosto.

A cútis do poema é a alma.

Quando pronuncias o caso

por que o rosto se mascara?

DOISPOEMAS DE 10.06.2014

A respiração do pássaros
que habitam o Retiro
é como uma alma de água
ou orvalho que arrulhe
e o ar embevecido dobra o oxigênio

dela vem beber o crepúsculo
que mora no páramo.

Surdos ferros mudam
em gritos longos
e da forja do sonho nasce
o poema.

Retiro das Águias

A ALVURA DOS OLHOS ESTAGNADOS DE TRISTEZA

O branco reflexo na água
do céu tardio (e vagaroso como uma lesma)
a luz da água pingando dos olhos (gotas de íris)
o luminoso espectro do homem não nada
sobre o fundo do olhar branco

da íris brusca a estagnação
(ante a exígua cruz a dor branca).

À MORTE DOS PARALELEPÍEDOS E OUTROS OBJETOS METAFÍSICOS

À luz rápida das hélices
diviso a palavra pousando no poema
e ouço nítido como o inferno cônico
seus gritos helicoidais
garatujados na lauda mecânica
e o pouso se arrastando
pela ponta (pista) dos dedos
parece o dilúvio
se preparando para acabar
a última página do mundo.

apuro as sílabas
na amurada do último barco esculpidas
e a água urrando na popa redonda.

Os olhos de Deus de vigia

o tumulto aumentam pois
Suas pálpebras são como as asas
da tormenta.

CÉU E CLOACA

(OU CLOACA DO CÉU)

O verso dentro do fruto
o verso dentro da tarde
a chuva dentro da sede
a seda dentro da carne.

As carótidas do vídeo
contra o veludo da alma.

As carótidas do dia contra
as metafísicas noturnas
(ou contra as ciências semanais).

A bolsa caiu, seus índices
como dentes racharam os inocentes pregões
a bolsa na queda quebrou a clavícula
de duas debêntures
(em estado crítico no hospital bursátil
de São Paulo).

À FONTE DA MORTE

O olho da treva vê tudo.

só escapará desse olhar engaroadado

aquele que sinta ternura a mais profunda

por paralelepípedos azuis. Ou ame manicômios.

Ao límpido e grave embora úmido

estado de putrefação do ser.

Cães devoram gritos de cristais (e cacos de silêncio).

Aos músculos dos debêntures.

A voz de Circe corta

a veia de Ulisses, como Parca.

(É bastante, para leitor atento, capturar

a poesia entre palavras do poema).

CONFISSÃO (A) VITAL

Vital é cria do desacato poético.

O descalabro do verbo é seu destino (insano).

É useiro da palavra enlouquecendo.

Do nonsense verbal e adverbial. Veja
ovos de verbo traumáticamente
e sonho (e pesadelo) de semente.
Não adota Vital o gosto do momento.
A versicarímica. O treno parnasiano.
O poeta como contabilista.
O inventário decassilábico. O balançosonetino.
O sonetinado do momento (momentâneo
até quando?). O candelabro apagado.
O cão de labro. O ladro latinado
Vital não verseja. É poeta.
A sonetinite nunca o infectou.

CONTINUAÇÃO

O leitor como receptor idiota
da facilidades rímicas. E lições tolas.
O desprezo pela palavra certa.
Pela lógica correta. Pela lição faceira.
Pela sintaxe ordeira. Estrofes cívicas uivantes.
Pela gramática politicamente correta.
Pelo gramaticalmente incorreto.
Vital opera pelo contrário. Contraria.
O poeticamente incorreto é seu veio. E vício.
Sua veia-guia.

De improbidades versificadoras é seu poema.

De inversões hierárquicas e do xixi sobre
regras (permanentes e sagradas) da poética
vive Vital. Que detesta (não o mênstruo)
a gramática ordeira (por isso agramaticaliza
em sua poesia).

Detestável é a poesia dirigida ao rei-leitor
feita com calma sem pasmo. E do tamanho da compreensão do leitor.
A rei nem plebeu de poesia vital se dirige.

**CHUSMAS DE
ALFÂNDEGAS**

БЕРÁВТЕÇ

PÁTIOS = βεράντες

Pátio são lugares esplêndios geralmente dominicais
sítios geométricos e lageados marcados
por construções servis que o rodeiam
edifícios que os desenham, contornam, sonham
elaboram, compõem, perimetram
alicerçam, cercam, substanciam
encilham (cavalos imóveis de pedra cantada, haras brancas).

Das vísceras severas dos pátios nascem
projeções que os sonhos dos homens copiam
(ou arquitetam se ladinou ou virtuosos).

Aos pátios dos precipícios mais rentes à borda
dos brancos abismos prenhes
de sais circulares (e ostentosos)
que escoltam a vertigem.

Aos pátios terapêuticos dos hospícios
e de hospitais municipais (que rimem com descaso
ou cozidos de negligências operosas).

Aos pátios elegantes, votivos, solitários
redondos, quadrados ou retangulares dos claustros

nichos de pedra a céu aberto onde o tempo dorme.

Pátios também são locais onde os gestos
das assembleias estrugem
onde vaias, uivos, palmas, latidos
cães e cavalos populares, aplauso estridindo
rede de protestos, cave de improperios
ecos históricos, sons de decepção (política)
e ira (social) acampam
reúnem-se os uníssonos e os contrários reúnem-se
onde massas vivas soam, enchem, pungem, habitam.

Quando brancos e fecundos de silêncio ósseo
são de conventos e os sais das matinas comovem.

De nua solidão são os pátios (ínvios e inóspitos)
da alma. Quase desabitados, escuros, calados.

Todos os outros pátios são espanhóis.

a Murilo Mendes

PÁTIOS =====PATHEOS

Europeus os fundaram (mesmo antes de Deus eram)
embora os pátios assírios fossem assombrosos

e a torre da babel era cercada deles (e políglotas)
e da Velha Espanha são familiares
(ampos, flamencos, taurinos, mouriscos)
de casa e cozinha mouras íntimos
locais prestos (nunca reles) onde é possível
de olhos nus colher estrelas.

São ruidosos, algo fumacentos, reservados
nervosos e bifurcados os pátios ferroviários
cheios de destinos emplacáveis
sítios onde manobram locomotivas
esses dinossauros mecânicos
essas cascaveis de ferro, centopeias de aço e ruído (pátio alemão)
(laminados ou não, mas vivos, móveis, ferrosos)
túneis de luz viciada em diesel e elétrons
ensopados de óleos cambrianos e fumos sonoros.
desajeitados elefantes compridos conectáveis
que criaram ninho próprio nos vãos trilhentos
trilhados de esteiras duras, estrelas presas
cios ásperos das inoxidáveis vaginas urram
pátio para operações de volta, retorno de
duas cabeças como cobras cilíndricas intensas
para quem por natureza ou determinação
industrial deteste vitais curvas.

Já o átrio (incendiado ou não conforme R. Generoso)
é pátio adolescente, jovem ainda e dourado toiro

recente cheio de pleitos para ampliar o peito
dosar a voz, adensar o músculo (olhar o céu)
e a alma alargar, dilatar data e sítio
ganhar história e substância temporária
além das benesses (e objurgatórias)
dos edis para tornar-se
em definitivo, redundante e completamente
pátios (para sempre) oficiais, turisticais.

Enfim, pátios são vazios velozes
cheios de céus vagarosos (e luas decaídas)
com potenciais multitudinários
úbere de ovações, úteros de vozes tribunícias
palco do delírio político decadente
antros de puros estelionatos eleitorais
(e democráticos).

ADENDO A PÁTIOS

Não vai muito – com nosso voto veemente morto, autoridades constituídas (indevidamente ou não) comecem a desapropriar pátios para erguer edifícios inteligentes e prioritários.

Curiosamente, a forma plural do pátio é o retângulo (quadrado só quando claustro), sendo puros desastres pátios redondos (ou geoidais).

A propósito, o maior teórico – e amante – de pátio latinoamericano é Nelson Saldanha, mas foi Borges quem os eternizou como personagens literários.

Os pátios portenhos, que pisei, têm rumor borgeano, e neles se veem as veias de seus poemas vivos.

Recife, Boa Viagem, 15/16 de abril de 2003

PS. Os pátios do sonho também são brancos.

Deles, os trens do pesadelo competem com outros
onde pululam os ids.

NOTA: Há mais de dois poemas dedicados ao Pátio de São Pedro.

À memória de Edgar Powell, Vavá do Banguê e Santana, do violão.

SÍLABA (VERMELHA) DE ESTRELA

Atravessei celibatos de abelha
e o cálcio do coração demoli
no périplo sem limite de palavras
pela espessura intuitiva do verbo
enlouquecendo preso ao hospício da página
a delirar como a infância ou o beato
púlpitos de criolina venci (domei andores de ira)
com ataduras e fêmur de esperança
adentrei imperdoáveis fronteiras
desdenhei gramáticas obrigatórias
em nome da liberdade da poesia
acordei fosfatos e líquidos cânions

despertei conicidades e verbal absurdo
com a voz do duodeno triste.

(Após o jogo Brasil/Croácia pleno de vodka no Retiro)

OS. O pântano d'alma cultivei
subjuguei o espírito da palavra.

Até que o ânimo desertou.

VARIEDADE DE VERDADE (DA HORTA FILOSÓFICO – POÉTICA)

Manhãs de porcelana meio-dia quebrou

(como hora depreda papoulas)

à luz da noite e do pino

terra se assola, sol se calcina

solo reverbera de ira vespertina

sino se enforca na pausa do badalo

partitura do vento move crassa e bela

sinfonia do entardecendo

vazio de flores olhar sepulta

sequelas de lírios lábio defronta

sequestra o âmbito e a dúvida ocaso

de pecuniária penúria vive a usura.

Nada obsta que a verdade de desdiga.

Só a palavra poética salva a religiosa.

HERDADE

Deste peripatético teatro de lógicas repulsivas
e ordenações históricas banalizando o humano
animal mais em extinção que todos os outros
(cujo dom da dizimação moral opera rápido)
desta imunda cena humana do mundo
o que resta para juntar aos destroços do ser?
Nada! Nem alma ou outro espiritual legado.

SILÊNCIO DE LUZ

Silêncio da luz perpétua desperta túmulo
assalta pássaro melancólico ou metálico
sobre a lápide (com duas fatais datas)
pássaros de asas desalmadas
e canto obscuro ocupados
com o possível da imagem
e da entranha do voo que não é jaula
a olhar o jângal que deixou na casa
ó mundo decadente de escórias fundado

o que reste do grito violinos do outono devoram
o que sobre da paisagem olho inocula na alma

a cinza sobrevivente, a incêndio da anágua.

Vige a treva

coração escuro viceja.

TUDO NADA

Todo o imóvel, o carnal, todo o ácido

e seus lábios pesados

todo o imigo rumor e o cárcer

onde mártir se preserva

(antes da navalha ou da marcial bala)

serão asfixiados sem trégua ou parágrafo

e ao sal da visão lavados

para fixação do impuro da vida

a que foram (os carrascos) elevados

para fulgor melhor do lampejo da morte

que os lambe em holocausto da vida.

(Só resta a salvação

da poesia de Lezama).

QUEM?

quem veja chega a Roma (e ama).

Quem manipule a porcelana do pesadelo
não sonhe mais com cerâmicas castas.

Quem atíça lâmina do olhar
vê sombras despedaçadas.

Quem sobe com água de lágrima naufraga.

À pobreza do bem (falido).

E da ética viciada em cocaína
ao comportamento pelo bem da usura
(e sua saúde monetária longa).

EI-LA

Mulher alta de cílios loquazes
(com pilão da cintura e delta no seio
ou seios silentes, quem sabe?)

lusa sitiada no Brasil rural
da faina avícola semi-árida e pura
com boca de cisterna escura
a umidade da cona insuflando lábios
ela gesta uma granja do sertão
apadrinhada por gravetos hirsutos
colecciona cactos d'água verde
e com olhos de lua recém-molhados
flui entre rios e é absoluta
além de ímpar e torcedora do Santa.

É a poesia absoluta.

Eis o cio plantado no corpo aberto da vida
colhido na campina do desejo
entre palmas e órbitas bovinas
no prélio sem tréguas ou entregas entre
a realidade e o desejo.

SITUAÇÃO NÃO SARTREANA

Com teus grandes olhos abertos
colhes o sol, extrais luz do avaro
e inauguras o pleno (magnésio válido)
ócio edulcoradas, voo de colibris instalas
nas taças das rosas sem conta

e enlouqueces o silêncio
és às vezes chumbo
às vezes chama
desejos tu cinzelas, esculpes anelos
e os pregas em meu peito impotente.

Cinzeis beiram o meio-dia
o desejo chega à tarde (tardo)
encontra o rio noturno insatisfeito
para dessedentar-se e crescer.

Mas nada sacia meu coração escuro
cheio de vales e muros.

(As armas de minha derrota
não deponho porque sucumbo).

Queres cegar estrelas (não vê-las mais ou ouví-las)
abocanhar o dom de Júpiter
dilacerar luz e colher
sal dos olhos fechados
(ou por córregos de lágrimas fartos correr)
desperdiçar coivaras e esperas
nichos de claridade cremar
resplendor do sol vedar
faças um poema.

Das mordaças do amanhecer
sorver a noite e o sino do galo (não natalino) luso
colher do cânion da garganta que hiberna (ibera).

Ao ermo homem orar
com galhos de açucena suicida.

A cada noite do páramo
(para onde se retiram as águias)
meu olhar mergulha nos jasmims das estrelas
sob fartura do luar prospera sede da luz
distante (e perfeita íris de Deus)
sob a safra do imenso
e o apanágio da brisa fresca e alta
me regojizo com a alma e o mundo.

A claridade é vítima
da crueldade do sol
que destroça a perfeição da noite
no páramo etéreo do Retiro
onde o espírito esquadrinha
céu noturno vasto e se distrai
com a matilha de topázios das estrelas.

Cada sede tem seu vaso saciado
mas ímpio e flácido
barro os aquilata e desmorona.

Do solo da alma só angústia medra agora
o desejo é mais que paisagem extinta
(como a Mata Atlântica).

Ao asilo do olhar finando-se correm
rios pálidos, desejos disfarçados
ou falsos, o riste da vida definhando
como touro esquartejado
(ainda pulsando o coração revoltado).

(Às grandes, límpidas e profundas
chagas da santidade
e ao odor malévolos da impiedade ofereço).

Poentes de sois vermelhos
levante de luas francesas
a ocidente de mim
está o escuro, sina do fim
(e rima última e vital).

Ao acaso das águas de nosso tempo
na pele sórdida da terra
o subsolo já se apresenta
para última cela de nossas almas.

Os rumos das sedes rios lentos sabem

já insaciáveis e de úmido e surdo suor
amortalhados (o talhe da alma já cansado)

porque já não interrogamos constelações.

RÁFAGAS DE CETIM

ACASO NARCISO

Quando Narciso olha
seu olhar, nele, vê-se
a si mesmo e a outro
no insucessivo tempo.

Na pupila d'água
seu rosto jaz
já perfeito e desfeito
sem retorno ou alento.

Seu líquido olhar paira
traí no espelho d'água
ele (e outro o mesmo) rosto
que logo se desfaz e fica eterno.

A vital imagem do outro em mim
no texto áquo do rosto Narciso
na água paira como espírito de si
e destroçado ressuscita a página

não mais de água, mas de palavra
a que deve sua intensa eternidade.

Sou o que amo em mim, texto aquático
reflexo do vir, ilusão impassível, sim.

Reflexo do vir, ilusão impassível, sim.

reflexo do vir, ilusão impassível, sim?

AVENTURA DE ESPÍRITO - VCA

Sírius, o cão de Órion
acena do casulo das estrelas
para o bosque noturno
onde a luz é árida, terráquea.

E a terráquea sombra
na falha da relva se espalha
como britadoras assacadas
sobre pedras fraudulentas.

Toco a coroa boreal
a tiara de Ariadne toco
concedo ao poente
seu clamor luciferino.

Transito no espaço morto
semáforo do poema em riste ótico
dioniseandorubendarianamente
baudelairiamente gravitando.

Sempre delineando o tumulto deslindando
(por mais feroz e deformado seja)

do túmulo das estrelas brilho velho extraído
como purpurina a semear na palavra escura.

No silêncio (quase absoluto) dos intervalos cósmicos
(que são azuis e longos como o tempo que arde)
o som dos olhos semeio (sonar humano)
e da sombra tenaz claridade arranco

estraçalhando o silêncio (sua silente palha)
a instaurar na página terrestre o grito
do espírito estagnado aberto a novas
e inesgotáveis aventuras.

TRÂNSITO EFÊMERO TRÂNSITO

Bebo adolescentes taças
fervor branco se alevanta
se ilumina noite longa
(aurora aborta)
bebo tua adolescência
em tragos extáticos
me reúno ao futuro
levito, amo pássaros
voo a teus abraços.

O tempo invade tudo
tudo o tempo desativa
corrói, renova, alucina.

Cores da andorinha
rumor de nenúfar inefável
macio como vésperas
maciez de pérola
usura de pocilga
larva no cadáver
tudo reúno, renova.

Se Deus mo permitisse
ser humano...

DOR OU AMOR?

Rio banhando-se na óbvia e crua sombra
da folhagem
exuberantes matizes exibindo ao mundo
borboletas mágicas néctar arrulhando
nuances vermelhas no ar depositadas
rodopios de cascatas de bem-te-vis
profundos
à tona do tempo colhidos
pelos invisíveis olhos humanos

vis céus indolentes e cerimonialmente brancos
testemunhando aurora que se esgueira
entre pássaros e dedos rosados
o mundo prenhe de sol
de prolífera garoa assaltado

olho os que me amaram ontem
seios que escalei entumescidos árdus
meço pecados e milagres
do verão em brasa a carne
e o espírito que
gritos da relva deixaram
na folha do livro aberta em copas tristes.

VEIO DO SAL

Garimpo o sal, a carne
no veio da terra, o barro
ébrio e a plástica do sopro
na descida ao céu ato-me
ao demônio do amor (indômito)
o deus da luxúria me leva
conduz-me a irmã volúpia
aos recintos de mais brilho da alma
todas as noites insensatas
em teu casto corpo reúnem-se

iluminado de lúbrica rebeldia
de extática revolta atravessado
irei ao confim do amanhã
te libertar da mácula passada
aluminar-te da luz do sêmen
e teu seio selvagem darei a pássaro
que vir a voar no corpo
em holocausto ao prazer
em regojizo do porvir
(para que voltes a minar-me
a cada dia sempre a garimpar-me inteiro
a multiplicar o êxtase
e a dor de ser)
irei ao confim das manhãs
te libertarei da mancha escura.

+ TRÊS POEMAS DE 2014

Onde termina a eternidade, quando
finda o sofrimento?
Como não ser para sempre?

A fase do fogo que nos consome
nojo escuro que alimenta o ego.

A boca de Protágoras tem
dentes hínicos (ou cínicos)

todos à medida humana
precisa e tênue.

NUS FOGOS

Nos cemitérios nus onde
credo vegeta se oculta temor
vige medo dor mora
regada pela fé do alívio
sobrenatural
no coração do eremita
repousa verdade
sonho consola
humanidade bate à porta
bebe-se na aorta o futuro
percorre deserto íngreme
da crença o ruir terrível
e pedregoso quando
pelotão do apocalipse passa
(enquanto crispam-se os estômagos
acutilados pela fome de não ser).

VERDADE

Corja do silêncio dizimado
por cânticos de pássaros
pelos odores sonoros da manhã
fedor da noite extinto.

Arrulha sombra da pera
do figo a presença clara
alcatéia de luz da manhã açulada
estraçalha intestinos escuros
e sombras embrenhando-se se desatam.

ESTRANHO OLHAR ESTRANHO

Olhar de estanho
entranhado de espelhos
cegos como noite vândala
na amurada dos castelos
hera escura
como noite órfã de estrelas
olhar, lago de funéreos círios

e órbitas lentas, liga
de velozes golpes, rinha de cristalinos
arcabouços e ósseas refrações
olhar (,) cristos entremeados de cruzes fálicas
e a beirões cerzidos em fugaces tons.

Olhar de mirra, cravo e janela
de onde se abeiram fogos trêmulos
onde se abeberam desejos óticos.

Olhar, veio de espelhos vivos
e cegos como a ilusão ou o idílio.

ÚSCULA / ÚSCULO

Além (muito) do egoísmo
da paixão minúscula (ilusa)
amor maiúsculo (úsculo).

O QUE OLHO VER NÃO VALE

Olho é só reflexo da luz
ilúcida filosofia ótica, usina
de ilusões físicas
turbinas de fantasmas reais.

Só no espelho d'água há o real
do poço vem a estrela
(nele ínsita mas impermanente)
leito onde Narciso ama-se

o outro mesmo e mata-se
a si mesmo num impiedoso
sopro de volúpia pela imagem
inatingível do outro mesmo (não dele).

Onde quando dá-se
irresistível sede de amar(-se)
até a morte
o (a si) mesmo.

No peito do jângal
vento rola através dos ramos
relva urra nua (em atavios)
selva verga
galhos tramam
intrincado plasma
vento bole
com copas fortes e pomares
selvagens demoram
a respirar brisa de outrora.

Vento voa através dos espessos ramos

de lianas indígenas
e das trêmulas esfinges, das vaginas verdes
das bacias vegetais (do sêmen dos caules) escorre
o sono satisfeito dos cálices.

Melodioso mel abelha distila
de sua laboriosa dança de açúcar
balé do primoroso néctar advém
da química secreta e maravilhosa advém
da lida do pólen advém
a vida advém
da geminada geometria advém a vida.

Após a cesta dos sons servida em onda
após pássaros que impregnam o verão
de luzes sonoras e macias
circunvoluções no ar nu ginasta
após auréolas e relógios
(pairando no discurso finito)
após a morte do poema...

Ainda cheio de gozo entregas
o corpo ao sono de minhas mãos

macias como voo de pássaros
impregnados de verão e geometrias.

MÚSICA DE PEDRA

Rosa de pedra, seiva endurecida (falo de gnaise)

rosa de basalto profunda de pétalas ruprestes

as frágeis veias do cálice

nascentes como luas do pólen

por faminto céu devoradas.

Pássaro e gusano

fulgor que aniquile olhos

cinza ressurecta

fogo sincero e célebre

da pedra do Cáucaso brotado

do fígado íntimo de abutre

pedradrummondiana

lua de opala lenta

todos os círculos do silêncio

todos os cárceres da colmeia

ao lume pétreo do olhar

a nudez obscena do luar

pão tornado pedra

uivo da uva animal

música de pedra empedernida

favo de sons adernado

(entre azuis enterrados)

com o urdimbre do dobre).

QUANDO QUANDO

Quando regresssei do meu sétimo poema
(o violino ébrio do verbo agudo ainda)
quando atravessei o labirinto de palavras
(encravado no palácio da página)
ouvindo cânticos apocalípticos
em busca do caracol nu de teu olhar
de atentas estrelas impregnado
(que lágrima lava
e lava de sal recobre)
estanquei ante ressoante
jorro de abelhas
ante porta estreita de rima
e seus gonzos celestes estanquei
ante rapidez dos promontórios de abril

Jarro de luz oxidada soou como lamento
azul (voz mineral de pedra ressoou)
pétreo eco arrancou-me o tímpano
palavra voo pousou no meu rosto
delírio aconchegou-se na página
com o nome amontoando-se
o trâmite do poema abriu-se em copas
(a espada de Dâmocles titubeou)
cravou-se-me no peito pássaro de pedra

teu olhar de sol e arco de umbral
me fuzilou de pétalas e fugas
lamento enlouquecido de um violão
me veio com a palavra fogo
ao sal de sílabas e abelhas.

VITAIS APORIAS NADA + (A PÔR)

À desolada lua cão uiva em vão
a nua voz do cão dá-me volúpia
concede-me esta canção viva (uivo cão) delícias curvas
a meu parco espírito e baldio
meu canto pela rua deserta derrama-se
(despreza-o lua do cão)
aliciando gatos sob céu vagaroso
de outubro.

Juventude possuiu-me por alguns poucos
desvairados segundos
o desvario não durou (porque sempre
fui mais velho que a alma).

À volúpia elevei muros, represei-me, fugi.

Lábios de sede nunca deveriam morrer.
O cio é a mor riqueza das humanidades.

Cio animal vital.

À beira da aparentes águas

(ou boca náufraga)

não há salvação para lábios.

Fervorosa saliva incendeia.

De inesgotáveis insônias é feito o amor.

Febre é tudo o que desejo

a febre do desejo aplacado

com aviltadas rações de volúpia.

A devorados lábios atendam

com o fervor da seiva apressada.

Da lascívia manhã derramem

mácula noturna dos licores

na alma vital.

MATILHA DE BRILHOS

REVULSOS MÚSCULOS

à inefável musculatura da alma

A cisão desvela vísceras.

À ruína de bispos ao cubo.

O acaso recolhe coisas, papéis, avulsos nomes

dados desconstruídos, homenagens podres.

À mônada, ao vácuo

a id icônico e vários

a ditos sinuosos

e serpentes do paraíso.

Conhecer-te a ti mesmo como nada

(eu não sou nada).

A cepas, castas novas e mostos

do vinho absoluto da poesia

Alegres labirintos de acrílico coleciono.

Verdade despreza esplendor.

À ruína dos cubos
ao crepúsculo dos bispos.
Há um jarro cheio de crepúsculo
na esquina esquerda do teu rosto
(com um resto de sol dando ênfase ao rubor
e um brilho meio inclinado
em ângulo amarelo que se precisa quando
cor cinza invade o olhar).

Cinza de séculos, resto de chagas
cravos esquecidos ao pé da cruz
pátinas imensas e lenta ferrugem de horas
e fragmentos de tempo filtrados de ontem
que milênios depositam nas almas lassas
além de máculas que espíritos teceram
infinitamente no tecido da carne
com a linha do pecado.

Cada um possui seu abismo pessoal
(e vulnerável). Nunca o compartilhe.

À alma do lírio.

À suposta poesia (absoluta ou o que seja ou diga).

Lágrimas literais caíram, céus desabaram

como gredas, nuvens pesadas ou ira de granizo
da calçada onde quimeras conversavam
sobre a ruínosa beleza do último apocalipse
(e o pó veloz que devorou a narina da esfinge
Arruinando parte do mistério)
e sobre as formas deletérias do futuro.

POESIA NÃO É COISA SÉRIA

Não poetizamos jamais o mundo ou as pessoas
gestos, ações ou encantos do corpo
poetizam-se palavras
(não é o homem criador é o verbo)
ou poetizamos-nos através delas
(independente da ideia ou de sua sombra)

e através das palavras generosas
de suas espessuras e saís de metáforas
poetizamos pessoas, situações
animais, objetos, vazios, vastidões e gestas.

Os que tentam a poesia se desesperam
fracassam, dançam, ficam
no limbo ou no vácuo dispersos
horrorizados porque a poesia é intratável
inseduzida, não admite tentação.

Porque têm horror ao absoluto fracassam.

DOIS POEMAS DE AMOR

Júpiter despreza raios
alzáva de relâmpagos abandona
rédeas do universo solta
a qualquer ubiquidade fiel renuncia
entrega-se à volúpia
a tempestades e serenas cópulas
se dedica nas tardes longas
do ameno Olimpo.

Ave, mulher, que não privas
do vício da prudência
ou do frio costume da razão
e sob máscara perfeita fazes
brilhar a loucura do coração
em nome da volúpia maior

o êxtase é o teu pendão
teu estandarte o desvario.

06/2014

COLHEITANDO

Escombros azuis colho
dos arrecifes escolho o rosto da página
a cor da indumentária marinha das algas
recolho da areia da praia
entre cães breves e sono de esgotos caminho
no calçadão senil de boa Viagem
o soluço da noite lacrimal embebendo
lenços da manhã decepada.

O pássaro obscuro da madrugada procuro
no sal de nós mesmos consumado
como verão e inverno da alma.

Esvoaço e sumo-me
fumo voo (desfaço-me
como um sim) intenso
assim como fagulha de vento.

TRISPOEMA

Os que punis
vós sóis o sal morto.

Silêncio associava-se a sombras
e devorava gritos escuros
matilha de pássaros
manhãs estraçalha.

Discos roedores
objetos distintos
sorrisos de granito
Retiro da Águias (2014)

DESPOJOS

Dias são espessos insanos tempos
noites ténues onde desvairadas luas vagam
sem leme ou data
noites são meras e falsas
todo tempo é tempo de mordança

vedar toda (a) passagem profana
impedir a realidade dos dias vãos
tudo se estiola, nada comunga ou grita
quando se estipula a cor das hortas
e o berço anônimo dos pássaros, quando
se enjaula a imaginação em estrofes contadas
quando azulejos morrem onde
jazem tons empestados
onde se demoram vertigens
ou tudo que ultrapasse
a dor dos intervalos
(e assassine pausas
e guilhotine hemistíquios altos)
e o sabor mecânico da água.

Caminhos de pedra dos caminhos.

Cinzeis para escavar o íntimo.

E prelos para publicá-lo.

Jasmins de estrelas enfeitam o cosmos.

Claridade é vítima da crueldade do sol.

A matilha de topázio liberta a alma
(de suas jaulas dolarizadas).

Bocas sonham com sedes imensas
grandes como lábios dos mares (enorme).
atraem-nas sedes de águas sinuosas
enfeitiçam-se sedes disfarçadas
de aridez noturna.

À sede de imagem de Narciso.

Ossos de pó
são o que restaram
do espírito (que é de barro)

Ossos de pó rastro da eternidade.

**A BEIRA DO
ABISMO REDONDA**

VERDES BARONESAS

Baronesas cruzam
em procissões flutuantes
pomposo cerimonial
sob guante do verde
em lenta navegação pianíssima
todo o mar do lago matinal
até que as âncoras
do crepúsculo as sustentem
ou no cais dos olhos se estraçalhem
à força do ocidente tenaz
vogam greda afora noite adentro
até que aurora arrebente
grades noturnas e liberte
as baronesas do açude
(de Apipucos).

Do bar poético Porto Verde (sugestão de VCA)

com Edgard Powell e
outros poetas bêbados - 1996

TÓPICOS DE ANATOMIA DE GATOS

Lua pálida em céu férreo boia
e bombardeia de luz flácida
chão inocente.

Chispas de silêncio eram
arremessadas como luas
no espaço dos murmúrios redondos
troços de silêncio como febres
iluminam gritos
agônicos e sinceros.

Dínamo do abismo rege
último lampejo de dor.
E fragmentos do inatingível deixa na página.

Quando flameje aborto.

Para que poetas, já não bastam

tantos poemas sem título ou data?

Se não têm valor zero, para quê
tê-los entre nós (na sala de jantar)
a nos causar incômodo (e indigestão)?

Deletemo-lhes logo, vate retro ademais!

(Lata significação das coisas nos bastam
além de tudo que finde em cédulas).

CONTINUAÇÃO

Os ossos do verão expostos
(como vagina ou orvalho)
à sombra do monturo do amor
pareciam fêmur do sapo
a clavícula da primavera
a solidez da nuvem invernal
o céu vagaroso de julho
(a ave César do sabiá)
o peso do outono no rosto.

Oboés luzidios à vista dos ouvidos.

Dâmocles olha de soslaio

a navalha de Occan
afiada como a lâmina da alma.

Teseu segue a fio novelo
de Ariadne que o trai
na novela grega (trágica ou triste como Eletra).

Adão comeu Eva e a maçã
e se não se deu mal enjoou logo
desejou figos ou jacas-vinagre.

Abel filho de Adão e Cain, da serpente
engalfinhados alteraram
a genética original.

E essa luz estranha que se instala
nos pátios antigos junto a madressilvas
no coração da palavra
Mario Benedetti indaga?

E VCA questiona: por quê?
não interrogar constelações?

Mãos que vejam
olhos que palpem
lábios que vejam

a palavra poética

A comarca dos rumos
de insólitas certezas
e atrozes crisálidas
a poesia demarca.

Rigor de rosas cor ébria apura
etapas de pétalas passadas
se chove rima.
Rosa com coisa aquosa
parecem preces gestos de uvas
pois de visões aromáticas e emboscadas
de imagens vive a palavra
e não adianta exumar
intermitências do outono nos olhos
rasgando sulcos nodosos manchando
de tempo a cútis heroica
ráfagas de vento vestindo as ruas
e avenidas imóveis da couraça
do aço da alma urbana
tímpanos destroçados
dos cafés etíopes
às entranhas dos pátios
só resta o movimento alado
do último pássaro

municipal.

II

O que seja oculto ou íntimo às coisas

deve manifestar-se pelo verbo

no deserto da página

(leito órfico da maiêutica da palavra

à beira do berçário da imagem).

Para apreender-se o absurdo

(parente do absoluto) deve-se

investigar o que jaza (ou vaze)

além de toda cabal claridade

o que seja substância verbal

sem pátina, detrito, agravo

de simulacro presença exausta.

HÁ

Há algo do sal da vertigem que cultivo

junto à madeixa deixada na escuridão

junto à folha da relva truncada

numa página antiga esmagada como verme

junto a catálogos esquecidos no rosto.

Há muito a fazer nada

tudo está em alta

quando a noite demora
(a aurora enlouquece)
e as coisas ficam vazias
há muito faço nada
(tudo com palavras)
muito não só este poema
que exige sustento
imaginação substantiva
pá de metáfora
trato de metonímia (pesada)
ração exata de adjetivo exausto
e certeza de saber que o dom da
interpretação é exaustivo e perece
além da cota justa de malha da alma
ampla se exige certa trapaça
com o corpo lascivo da palavra
portanto fora o poema que é vital
exigir mais que a vida (que é trânsito)
exigir trâmite de eternidade do verbo
(que também exige sustento
plausibilidade qualquer e apreciação constante).

A MEIO DECLARAÇÃO SINCERA

Creio no papiro e no escuro (sou poeta)

fluxo de lágrima movediça do pranto

lívrico (e irremediável) não aceito.

Poesia é cântaro de palavras embriagadas.

Confim iluminado de sombras

no túnel da página.

Do vivo fluxo do verbo vem o poema
a palavra enlouquecida do poeta
em pleno fluxo de inconsciência.

Gritos bebem dos vasos de silêncio ébrio
sais se embriagam de desertas imagens
poético é o ímpeto de que precisam
para expor palavras engendradas
das engrenagens da imagem
escribas demiurgos.

Buscam coivaras e dilúvios de palavras
verbos que fujam como jardins
relvas de estrelas esquecidas nos prados do céu
buscam esquecimento de flores
e todas as pétalas da vida devastada
no vaso deserto
e desvão para onde emigraram
sombras de verbos.

Buscam jarros de aridez
para oferecer aos lábios da palavra.

SEMATA

POEMA LÍRICO NÚMERO DOZE

Reconheci-me como poeta quando li
Rimbaud um dia (após muitos versos).
Quando fui além dos horizontes dos limiares
de mim e dos limites da alma (pela palavra, essa
via, veia, glúteos da inquietude do ser).
Pois a poesia são reflexos de lâminas
nos músculos da alma.
Os ensinamentos da árvore
a filosofia dos ramos
o ímpeto do lenho
a sociologia dos galhos
a epistemologia da linfa
e a democracia da raiz
(arraigada no homem
arrancados da morte).
Quando faço ver o vento
tocando harpas de nuvem, vejo poesia.
Levantou o amaro rumor do ar o pássaro
ergueu o mar quebrado a onda lauta
Eviscerou a textura do espesso verbo a tarde .

Breu e estrela
abutre e papoula (dístico vital).
Da cinza ao fulgor um passo só.
Quando apetece ir à secreta veia é assim.
Como relâmpago na farmácia
ou flor repetida sem cansaço.

Só

“me é concedido ser coração escuro da dor”
só à vida oferecer lágrimas de mágoa
(ou como montaleanamente diria
porque não oferecer à vida toda
um madrigal de andorinhas
ao invés de um madrugal arguto de ilusão?).
O que não nasce e não morre é o amor
e se escurece, se entocasse ou ardesse
seria porque quem o guia para ninguém
é o desatinado coração do verbo.
A metade vermelha do meu coração dei para quem?
Para leitora difícil que me dê totalmente
a metade de seu coração vermelho também.

Como entreabertas lâminas (o fio reluzindo)
ou escurecidos aromas
como cravos multiplicando-se
(da carne de Cristo)
ou portos arrancados do túmulo marítimo.

?

Quem ao relance de um grito, quem
ao relâmpago de um sêmen (jato vivo)
realiza a treva chamada gozo?
Porque o coração escuro é o mesmo da alvura.

Ah!

Melhores caminhos o levam a lugar algum.
Só Ninguém os percorre, reconheço.
Assim amputa.
Amputa dos paradoxos o dilema
Exila a verdade.
Então fragmentaria o poema e o salvaria
da vala comum das rimas.

SITUAÇÕES

Ulisses lamenta deixar Nausicae.
Heitor sabe que vai morrer.
Aquiles remoi sua ira enquanto afina a espada.
Ai, geme o porqueiro Eumeu, como sói ser assim
amigo empregado de Odisseu.
E Argos que de soslaio viu e reconheceu Ulisses
para logo a larga sombra da morte coagular-lhe os olhos
múltiplos e fiéis.
Sob disfarce astuto de mendigo nato Ulisses
penetrou seu palácio ítaco sitiado por
pretendentes (que penetravam Penélope).
E a cicatriz inlavável denunciou o grego.

(A cicatriz é sinal de carne que o envelope dos trapos cobre).
E Penélope (a infiel?) reconhece o cavalarião herói no leito talhado por ele de um tronco de oliveira (azeitado por sêmen astuto).

ANGINA

Seivas exiladas
em tomos de abracadabra
contrainfecções de rima
exílios silvestres azuis
paraísos com pomos de lima
gônadas turvas ávidas crinas
tudo prenuncia a acre
concisão de medulas
ácido deleite da fartura
nas gengivas do lipídio
no prepúcio ou na esdrúxula carótida do verbo
mora o sorriso do abismo
enquanto infartos concomitantes acumulam-se
com anginas pectoris papais
nas curvas de cálcio das artérias.

Vivo a inventar pássaros
(do teatro do Retiro a cena voa)
ouvir missa in illo tempore de Montiverdi
e estou bem enquanto
(mesmo durante a morte)
evitar paranoia de purgatórios
além de improváveis estações do inferno.
Onde a parada dura.
Tantos aléns me cercam (e caem em mim)
montanhas de touros e estigmas pesados
das tardes abandonadas do mundo.
Pomares de silêncio e auroras perversas cultivo
acredito no tempo dos caules
e em horas de lenho
não na vez dos frutos.

As pálpebras do abismo são ilícitas
e velozes
fonte sonâmbula (como a que possuo na cabana de bambu)
emite rios de fulgores que tornam
a luz das trevas verossímil.
Abismos de claridade abrem-se
a meus pés diabéticos sempre com furores.
Só sei que a natureza se aconchega sábia
no colo tenaz de Anúbis.
De amaros candelabros e cegos retiro
lições de escombro.
Enquanto ladro de cães despedaça céus
eu aprendo, aprendo, aprendo
com as tardes carnívoras do meu corpo
e dos abandonados bares de Boa Viagem
(onde jaza a alma).

Estátuas embriagadas ainda do gesto demiúrgico
ávidas do golpe de metalurgia e relâmpago
(ou do excesso que Michelângelo sabia onde estava)
sob dobre de fagulhas - e metais vadios
que fuzilara os olhos das estrelas
e cegou esteta que primeiro registrou
as convulsões da aurora (agonia da luz)
e devastou escriba que manejou a palavra
talhou o clamor engendrou o grito
surpreendeu a manhã na relva do prado
arrastando-se como corça despedaçada por tigres gramíneos
e viu a luz pairar sobre sábados rebeldes
e viu o céu aviçar domingos tesos.

ÁLIBIS DA NÁUSEA

Nessa noite em que astros já não gotejam
em que a aridez do escuro espanca a alma
em que nem frágil rumor de vida escapa
e sílabas do coração estancaram
em que a selva oprime feras
e o sono dos olhos escasseia

em que a lua desiste de pairar soberana
(para escandir nuvens sonâmbulas)
fui o primeiro a procriar abandono
a me deleitar no colo de anjos sujos
a me anuviar e morrer.

REVISÃO DO SÉCULO XXI

Imposições morais decupam gostos
crimes retóricos crucificam códigos
imprecações bancárias infelicitam credos
desnudamentos do ventre alagam mercados
pairam sobre estacionamentos luvas módicas
pausas céticas desvendam intervalos puros
imobilizam bolsas humores engravatados
param trens folhetins diários
lavram cruces coveiros entediados
prosperam ramificações de escaninhos
nas portarias de ministérios imorais
alimentam insônias imposições rurais
leilões venais enriquecem o erário
cremes retóricos torcem argumentos de manteiga.

Acrópolis agonizando gritam enquanto chameja sangue
dos pátios e velas dos claustros
gemem pórticos, arcanjos escapam
dos sarcófagos pelas ameias fúnebres
bátegas de ruas esquartejam o trânsito
ratos apodrecidos reis incineram
ratos deveram capitães de navas
faustoso traseiro das mansões azuis borra-se
quando magnatas degenerados comemoram
elevação dos índices da miséria global
absoluta pobreza campeia, juro sobem
como foguetes do Cabo Canaveral da Wall Street
triunfam injúrias, injustiça vende-se
a cada esquina tribunais de nojo aflagam-se
o pranto das togas é de níquel barato
velozes ralos da infâmia rolam
e nobrezas dão os braços a esgotos.

À LETRA DO ESPÍRITO

Alba negra perambula na calçada
e deixa rastros de arado no espírito.
Dos jardins de vivas náuseas viceja
e crava nos rostos retardatários
a beleza de uma aurora negra.
Negra alba deixa
nos punhos brancos registros
da desídia da noite
e naipes de desespero e ronco de porcos
no hábito meditando dos monges.
Frágil unguento (oráculo do coito)
traz no peito medalhas de papoula
e ébrias comendas banhadas
do êxtase das noites devassas.
A noite é um ritual
(espancado de luzes)
a sombra sumo sacerdote.

TRIO DE POEMA

(SÁCER)

Clareza é um punhal.
Rosto de água obscena.
Rituais anisis (nunca azuis).

COMPÁSSAROS NOCORAZÃO

(fragmental)

Ósculo de sol nas corolas (e garoas)
rendas de luz nos estames e compêndios
a volúpia dos pecíolos
possuindo os cálices
taças de aroma brinda o vento
a nossas narinas intumescendo
círculos de sal nas calçadas de giz
cálculos das órbitas perfeitos de Proust ou Copérnico

écrans escuros coagulados
ante músculos árdios da claridade
anúncios de pássaros no coração.

CREDO

Creio no naufrágio dos abismos
(e em solecismos – que rimem)
creio que tudo foi naufrágio (como Neruda)
creio em épura e paráfrase
creio em sílaba branca e fúria epifânica
creio na sombra de Platão
sepultada no túmulo da ideia
e na clavícula escolástica de Aristóteles creio.
Li e vi em túmulos etruscos
num portulano dilacerado (e ateu ainda)
nome vagando de rio em rio.

LAMENTAÇÃO DE VÊNUS

Eu choro a Adônis
que no tártaro jaz
longe de mim
que nos braços de Pérsefone adormece
longe de mim
cativo das sombras de épuras
Adônis pálido da morte
é belo ainda
(vivo em mim)
do fixo olhar (coagulado)
brilho fugaz
ainda se flagra
é morte ou sono
que seu corpo possui?
(ainda duvido).

POEMAS IMPROVÁVEIS

(ATÉ CONTRAPROVA EM FAVOR)

Há no rio memórias já lavadas
de impurezas cruas e demoradas
há sobre a água lumes líquidos e lendárias
incrustações de silêncio acorrentadas
a estilhaços de agudos sais.
Há labaredas rondando a madrugada
um pátio de calma, uma alma só e a lua
além do rumor de sede que se abre
do vórtice de teu êxtase.
Há uma certa dúvida
e indagações fatigadas.
Talvez secretas convulsões de ira célere
talvez ilusões de muro
e cílios de trompa ou o amor
que sem saber o que é já arde.
à memória da água

HOJE VOU ESCREVER SOBRE ABUTRES.

NÃO É TEMA CULINÁRIO, AVISO.

Este é um poema de tirar o fôlego de leitor musculoso, de suspender o juízo e abrir a porta das ideias.

Este poema transforma o espírito, transcendentaliza.

É gloriosamente metafísico.

Traz em si (e para leitor) desapego egoico.

Toca a própria eternidade um pouco. E um pouco de eternidade é ótimo. E muito.

Acho a suspensão do fôlego e exclusão do juízo elementos vitais a qualquer poema (absoluto).

Mas, onde está o poema, qual seu lócus?

O poema está no poeta, na obra de arte verbal escrita (não declinável), no mundo e no "leitor", como um todo. São contextos de recepção, horizontes de fusão. E é único o poema, como a rosa. Só há a rosa perfeita e única (qualquer, só poeta sabe-o).

Ó vidas consumidas num átimo (nada ático) enfermo, inglório
de vaidade e desperdício (e consumismo narcísico)
num sítio de fé lucrática e cismas frias como cinzas esquecidas
pois a esperança do lucro move-me a dias absolutos.
Vivo da usura diária de comércio e artifício.
Há um rumor, porém, que se pressente a cada verbo.
A poesia agoniza, incinera a floresta
mais lenho para a fogueira das vaidades tragam.

Caem cânones como muros caem
agonizam os rijos anjos do desperdício.
Oro à inutilidade do luxo e creio na vida
onde haja sempre disponibilidades e bons vinhos.
Do meu amaro patrimônio e ávido (ou lírico)
e do acervo de meus meios-dias sem ócio morro
na defesa.
Há madames bêbadas de absinto e sábados
há comendas devoradas e nádegas de consulesas azuis na sala.
Nas esquinas do acaso há tâmaras há ratos
eflúvios de nojo e intestinos de chamas
(além de saudades moribundas da cidade amada).
Prédios que crepúsculos demoliram
edifícios de címbalos, podres bandas, êmbolos
turras de sábados à noite e beduínos ébrios
e bisnagas, além de seringas e bandagens, há
pacotes de primeiro socorro de ânsias represadas.
Ao tédio de bismuto e à amante accidental.
A chaminés hirsutas.
Ao que as palavras ainda não disseram
(ou poetas não escreveram)
às rupturas da pureza todas
ao que é porvir e incerteza
a alicerces sem futuro
a cofres arrombados e arcas secas
(de alianças parcas)

à madrugada de mim
(porque não é de prata minha alma).
E o sopro apenas pairou no corpo (e pousou no jarro)
da argila veio o espírito (que é de ágata)
é-me a alma anodizada.
Aços do verão despedaçaram vísceras da tarde
e a impotente noite nos aguarda.
Acetinado arco do teu seio onde repouso
ao redor do viço moro (com a acácia da axila)
do berço de relva do teu pentelho olho o gozo.
Jorro de seda líquida que é frêmito... e alma.
Trampus a nudez
toquei o encontro (das coxas)
(Capibaribe e Beberibe de gozo)
dedos perambulam no púbis
e pelos botões dos peitos se enrolam
à erma (macia e carnívora)
rosa vai a boca buscar
imortal sabor (de cárnea luz).

ONDE COMEÇA O SAL

ET

POESIA: FINALIDADE EM SI MESMA

POESIA : FINALIDADE EM SI MESMA

Conexão de encanamentos de palavras
para montagem de vasos comunicantes
de sentidos com acoplamentos irracionais
à vista do espírito leitor insistente
ou absurdo (como o prazo da morte

e sistemas de abastecimento da alma
com válvulas amaras suburbanas)

 e aprisionamentos náufragos
 e ajustamentos cínicos

ou derramamentos cônicos
sem vazões do destino

 bacia sanitária de metáforas
 adornada de aromas carnívoros

enfezada de epítetos nus
e filtrações de gerúndios intravenosos
monitorada por gramáticas extraventrais

ralo para paradoxos de feltros prósperos
e dispositivos aveludados (como vaginas)
para transmissões de sibilas náuticas intransitivas
sifão como sinédoque

do outro lado da diatribe
pestanas ósseas pálpebras brancas
catracas e pêndulos para respostas
pistons a reboque do id
maravilhamentos de ferro inconstante

veem-se buquês brancos de náusea solar
pinos de canícula bem à mostra
meios-dias dos juízos finais desolados
e a cor selvagem de um poema
sendo talhada na página.

O TEMPO (VITAL)

O tempo é uma rua de Paris
cheia de pacíficos murmúrios
e rumores de serpente persa
prateado dos vândalos gozos das alamedas
das usinas de absinto estrelado atizado
com uivos verdes de anis
e tédio cintilante como um parto
ou magnólia de Matisse
perdido entre sementes surreais
de tâmaras setecentistas (centesimais)
rua brotando do sopro de uma flauta surrealista
talhada de uma vértebra sublevada de Breton.
Rua, latada, vereda ou horta música e mística
sons de ossos dadaístas
acantonados na Suíça é o tempo semovente.

As vértebras francesas do tempo aguentam
-sem trema, tremor ou temor (escandinavo)
chusma de espaços cósmicos
fuzilando a rótula da hora.

O tempo além da tâmara
(depois da lis da comuna)
pós-napoleônico e rebelado
vem num junco chinês
(padiola, élitro, mácula, palanquim ou cupê)
pende de uma clavícula de Maiakovski
semelha víscera de Aragon (ou tristeza de Elza)
metade vermelha do coração de Nazim
alado fêmur de Eluard
(com quem a liberdade das horas parece-se).

É uma bandeira que tremula
(tarantela russa, balé de Rasputin)
fincada no abdome de um general qualquer
(servil ao capital que aquartela ditaduras)
como roupa no mais vil varal
expostas a ventos do vilarejo
que Deus esqueceu em Portugal
dos cafundós dos Judas vem ruído de notícias (fundas).

É uma balconista boujando (o tempo)
perto de uma sarjeta industrial
(o gas metano da usura alimentando alvoradas de vacas
pálidas como a injúria ou o descompasso
ou peidando como um embaraço).

Ou uma paisagem milimétrica de Funchal (goleadora)
o microcosmo cônico do Curral das Monjas.

Tempo é dinheiro, pragueja o banqueiro
e não se deve perdê-lo com poesia

tempo industrial, cívico, palpável
(sobretudo monetário ou cifrado do inventário).

Tempo é uma gleba
arrendada a um estranho numa feira
duma vila que Deus esqueceu no cóis.

Tempo vale
a santa usura de cada dia
tempo não é tâmara nem precisa de aleluia beduína.

GEOMETRIA

BÊBEDA

SITUAÇÃO

Há um jarro cheio de crepúsculo
na esquina esquerda de teu rosto
(com resto de sol dando ênfase ao rubor
e um brilho meio inclinado
em ângulo amarelo (que se precisa quando
cor cinza invade o reto do olhar).
Cinza de séculos, resto de chagas
cravos esquecidos a pé de cruz
pátinas imensas e lenta ferrugem de horas
e fragmentos de tempo filtrados de ontem
que milênios depositam no odre lasso da alma
além de máculas que espíritos teceram
infinitamente na carne crápula
com linha do pecado (e dedal do lodo).

Cada um possui seu abismo pessoal
(e vulnerável). Nunca o compartilhe.
À alma do lírio.
À suposta poesia (absoluta ou o que seja ou diga).
Lágrimas literais caíram (céus desabaram)
como gredas, nuvens pesadas ou ira de granizo arremessada
da calçada onde quimeras conversavam
sobre ruínosa beleza do último apocalipse
(e o pó veloz que devorou a narina da esfinge
arruinando parte do mistério)
e sobre as formas deletérias do futuro.
Em especial sobre a erosão
da cútis da pedra pelo vento eterno.

VITAL FLUXO (DE INCONSCIÊNCIA)

O dia amanheceu em minhas mãos (escuras). Como um poente, gritou a morte entre meus dedos (encoivados). Preciso recrutar uma tarde para meus desígnios azuis. A manhã transbordou de pássaros ensolarando-me as mãos de treva. Da terra (ou do mundo) a boca parou.

Estacionaram línguas e salivas no hangar úmido das mucosas As entranhas (brancas e rápidas) dos domingos e o ventre dos relógios se encontraram num velho dicionário pardo (entre dois esdrúluxos verbetes e uma tarde beduína).

Chegou com esse amanhecer manual a náusea, e o cavalo enluzado fugiu do prado alado... e foi às nuvens de basalto, enquanto a graça de porcelana (e asas orgânicas de Brennand) seguiu para o enigma do outro lado, sumindo no infinito (de minha dor sem ventre ou data).

O sangue tropeçou no ímpeto. O silêncio caiu num poço. Tudo despencou do seio já túmido da noite distante como um túmulo. E se assistiu à longínqua passagem do ser, que é noturno. E divino (ou divinizado pelos homens).

II

Ínfima efeméride, vida, sina de pó escuro, desejo que se faz cinza ou fumo vida, essa ilusão à realidade do túmulo que é eterno como a morte. Ficaram somente escórias da glória, restou do escuro esmero do fim da vida adubo de escombro, pote de pó eterno. E após a ilusão de ser o que seremos? Se alma, inóspita, acantonada num inacessível ponto do Nada.

POEMA

O sol talvez regresse e a noite, a doce noite
não mais intumesça (ou enfureça
o olhar cioso da claridade).

Quem garante, a não ser o rigor do levante?
Espero que a madrugada se entusiasme
e o pudor das rosas não disfarce
sua inclinação pelo noturno impreciso
ou apreço pelo basalto (da lua)

ou que a noite expresse seu espesso
amor por Perséfone
e enrame-se sorrateira
pelos avícolas olhos da manhã
impúbere e desacordada (mas incólume)

ou se perpetue pelas feéricas animálias
de que são férteis as cinzas das cidades
(e a genitália das mulheres)

onde rezam os saís do amanhecer
entre orvalhos e navalhas
barbitúricos e aminoácidos noturnos.
O sol talvez não (mais) regresse
a não ser que mergulhe
do flácido ventre das avenidas
para as veias dos becos
(em punho a aljava e raios frágeis)
ou mesmo descarregue
sobre tudo o que seja escuro e humano
a sombra do meio-dia.

ADENDO (E COMPLEMENTO)

O que é ultraje e sordidez na cidade
a não ser que a caterva de cães lunares
útero da aurora despedace.

CONCLUSÃO DO POEMA ABSOLUTO

DAS TARDES PERPÉTUAS E NOITES BETUMINOSAS

O sol talvez não regresse:
pobre dos olhos no exílio da claridade
pobres dos espelhos
que não verão a si mesmos.

OUTRO POEMA

A ver ossos de pássaros, eu filósofo
detalho a metafísica do voo, aprendo
que estrelas fixas não importam.
Só importa mesmo (talvez)
a descoberta de mim

(pois não sou uma fábula).

SOBRE ELA (VERDADES)

A morte não é mentira.
Ser só só na morte.
Mortos gritos não mais se movem em mim.
A morte é intrivial, sempre.
(E a morte caindo sobre os meses
e seu zodíaco perverso).
Aos meniscos do meu Capricórnio
dedico estes poemas.

POEMA

A estremecer manhã
cântico rebelado de pássaro
contra mazela do voo.
Fileiras da sombra
dobrando o meio-dia
bebendo a lua como uma noite
buscando a claridade do útero.
(Poema dedicado à tarde náufraga
de um domingo de cruel abril).

QUANTOS POEMAS NESTES TEXTOS?

(PARA ADVINHAÇÃO DO LEITOR)

Palavras não têm força de travessia
quando param no umbral polido (e pausado)
da primeira vírgula.

Elas enveredam por ermos altos.
(e em lentos cumes buscam refrigério)
se não há porquês e quandos.

Sobre ângulos reta pausa
pousa a palavra curva.

Ah, essa inespessura de viver.

Essa dormência crassa do espírito!

A refrega na terra é suprema. A noite cerrada o prêmio.

(Assim que anjo encerre o expediente
diário do sol - e Lúcifer morra).

AI, 5, DESGRAÇADO

(VADE RETRO)

DIÁLOGO DA GERAÇÃO AI – 5

- Você tem medo de morrer?
- De morrer, tenho medo.
- Você tem medo de viver?
- De viver, tenho medo.
- Você tem medo mais do quê?
- De fazer, de falar, de cantar, de calar
- de pensar, de dizer (o que penso e o que nunca pensei).
- De que mais você tem medo?
- Tenho medo de não ter medo.
- De que você tem mais medo?
- De ter medo de menos.
- E de que você não tem medo?
- Não tenho medo de ter medo!

CIÊNCIA

Coro de escória
rumor de ruína
música demolida.

Anjos de mármore
em céu de zinco
e preces de alumínio.

Melodias de lata
e cânticos de tório
entoam.

Alma, terra de ninguém.
Corpo, pasto de volúpia.
Só sabes o que deves saber.

(vide poema seguinte)

SABER

SABER

SABER

Sei que teu rosto erra
nuvem bêbada
por rua erma
trevo escuro
que sono acicata
e face irresiste

com submersos rebanhos
tudo é naufrágio
porém sei que o seio
espera-me as mãos.

TUDO ABANDONO

TUDO ABANDONO

TUDO ABANDONO

ob jugo do vasto êxtase
basalto úmido
logo sucumbo
do labirinto peregrino longo
nu me encontro
na amante pele da noite
todo me abandono (em outubro).

A UM AMIGO MAU

Entre música e silêncio náusea
pausa nua e búzio
mar arremeda
eco anêmico ocaso intenso músculo
entre trama e flores puritanas relaxa
a têxteis pássaros urdidos do ar catam
de Éolo vestígios exatos
pedra ilusa cria
do espaço e da vigília torna-se
rocha esplêndida
da mão e do longe então
alto tecelão do tempo enleia
ma(i)s além da papoula e do imago, linho
inconfidente, férreo, caudaloso
lavado de grito (das pérolas do suor ungido)
rigoroso como semente (ou horizonte)
em sua odisseia íntima, podre, vital
alheia-se (linho).

4POEMAS

Clamores quase extintos
(como rugidos de rígidos tigres)
incendeiam manhãs desavisadas
fenícias agudas e dissolutas árias
elevam peitos agonizantes a áfricas.
Cadavéricos rumores descubro
a meu lodo direito e ouço
primícias de escombros em outubro.
Tremula treva
sob facho de relâmpago
ante astúcia do espírito.
Luz de círio alimenta a noite
vela almas cansadas
e se alastra como postes.
Coivaras não têm piedade de florestas
equiláteras (nem de dalias e lenhos).

ONDE COMEÇA O SAL

Bloqueiem ribossomas da bactéria
degole a infecção
viva a derrota do ebola
Arde jasmim, foges de mim
porque uivam figueiras
urzes tornam-se cinzas faceiras
gritos abaulam ângulos do silêncio
círios cegos iluminam olhos de cadáveres recentes
com piras de velório e lâmpadas de açucena
com crateras de pranto (seco como bons vinhos)
e velhos simulacros de treva
fosca iluminação lança-se sobre
a última noite de um homem na superfície da terra.

POR QUE NÃO?

Por que caminhos andas
percorrendo úmidas
ruas onde não passa lua?

Por quem não fere teus olhos
turva aurora (escabrosos amanheceres de hoje)?

Por que abordas tão inaudita
senda ávida do abismo?

Por que vias flagras sonhos vis
e inóspitas entranhas da noite?

Por que arrabaldes persegues
sino de ilusão, sonhos sem cabeça?

Duma cátedra azul prado
vi basílica de cinzas justas
que me enviborou e domingo
que ela cruzou fagueira
por mim.

Devoto me emparedei mas
meus olhos bolinaram íris que passava
com o ser ao futuro passando
de meu longos e crassos abraços.

Levar deixei-me por tuas macias ancas
e renunciei a céus e sonhos
todo o crédito (crédulo) numa partida
dobrada joguei: tu e eu comungando
os corpos, as almas à fogueira sem fim.
Músicas azuis e borboletas de sílabas
e flores, e flores de ecumênicas cinzas
não me salvaram a carne inaudita.

UNDÉCIMA UNÇÃO (DE NOJOS)

Deus de moribundos ajoelhado
ao pé do leito agonizante
no quarto da extrema hora
recolhe último alento
exalação final vigia
desesperados sopros guarda
no peito soberano e espera
do vaso coalhado de lamentos
surgir o nada em lágrimas
ungindo de gemidos o fim.

OLHOS TEUS

Teus olhos, Senhora, são prêmios
para qualquer um que os contemple
são êxtases de jade
volúpias azuis.
Quando Jesus criou o rubi
pensou na cor futura dos teus olhos, Senhora.
Teus olhos têm, Senhora, o ardor do rubi.

TABER

Vi as luas do Porto
tomando banho nuas
em teus olhos ímpios.
Ciprestes não prestam
aos vivos seus viços, não ardem mais
ensombram túmulos
(com relâmpagos de náusea)
Abaixo ciprestes!

**TUDO O MISTÉRIO DA
VIDA SE RESUME NUM
EPITÁFIO EM RUÍNAS**

A CORÇA

CORÇA

A

Corça
e sua sombra
de ágata branca
pausa
quase de abandono
da lúdica planície
imóvel aragem desenha
gesto de louça e linho
que no silêncio pausa.

Corça e sua sombra
de pausa branca e lenta
olhar da máscara ilude

exatos azuis do céu doma
do silêncio mineral cinzelada
frágeis manhãs construídas.

POEMA DE BOM GRADO

Atros sons de ossos em uníssono
engastados no esqueleto do crepúsculo
(como estrelas no céu carnal de Deus)
criam melodias brancas

1. Música agonizante cria.
2. Tanto sepulcro. Pouco respeito.

O meio dia alimenta ossos.

3. Dele sedentas sombras comemoram.

Asa do viaduto (em voo de concreto imóvel).
(Espécie de anjo de pedra suspensa). Voo de cimento.

4. Salto coagulado de arame e barro.

Corações absolutos latem como cães saudáveis.
Oprime o peito alegria ilimitada.

5. Músculos infinitos. Bombas eternas.
6. Léguas de águas. Fazendeiros do ar.
7. O grande ventre da noite pare silêncio ósseo.

CÂNTICO DE CINZA E SAL

1. O sal também se conserva.

O inferno é frio.
Nele alma congela.
Ardem culpas.
Sonhos são incinerados.
(As queimaduras do frio são infernais).
Utopias mais sólidas são liquefeitas.

2. (Pranto carbonizado orna as estufas do inferno)

3. As cinzas são nossas avós.

4. O sal contempla o Atlântico.

5. A mulher de Lot é de areia pura.

6. Abutres amam o meio-dia.

7. A carcaça de outubro é vermelha.

Apêndice: Os frigoríficos do inferno são podres
(segundo Dante primeiro e único).

CÂNTICO DE SEDE E SAL

1. O sal também se levanta.

2. A mulher de Lot é argilosa.

3. A sede alimenta.

4. A seda alimenta o espírito.

5. A sede alimenta o vaso.

6. Âncoras vivem da sede.
7. Cântaros choram de sede.

Apêndice: Abeira-se da boca a sede
do lábio pende a desdita da água.

HORIZONTES DE OSSOS

1. Falível só a fé.
2. Abominável liberdade.
3. Dançam as chamas no palco da fogueira.
4. No salão dos lobos dançam cordeiros.
5. Preces destroiem.
6. A sintaxe intoxica orações.

Parágrafos são correligionários dos travessões.
7. Imitam pausas do início.

Vi o cântico da água (a dor do odre).
Elevar-se da voz líquida.

Vi ária de luz e lodo.
inundar sala morta.

E a ópera de Príapo
possuir os ouvidos.

Vi marés sonoras
e equinócios na esquina.

Ao sol finlandês da meia-noite

**ÁLGEBRA
EMBRIAGADA**

PUBLICAÇÃO DO ÍNTIMO

Não era a voz do amor
(que é mudo e infinito)
era a da carne
que gritava e era tênue
frágil como uma noite de cristal ou corça de louça
e efêmera como o êxtase de um cisne.

Naquela noite lábios incessantes se sugavam
e sibilantes eitos de saliva se ouviam (do seio).

Éramos livres
porque o desejo rompera todas as peias.

A noite estava possuída de seus demônios
e os corpos ébrios de posse e alucinação.

Nu catre de cetim engatados
a volúpia neles engastada como pérola sedenta.

Gemidos pareciam sílabas
e nenhum hiato os apartava.

Cegos só se viram um ao outro
sob o lasso fulgor do gozo

sobre o ínfimo sítio da cama
que era infinito.

Corpos da alcova libertos
sem os cadeados do medo

lassos os elos do respeito valia só
a dignidade do desejo.

Cardos ardentes nus uníamos
liames de amor sublime
enquanto noite enlouquecida
velava nossa última volúpia.

Morrer é ir para distância maior.

A poesia é a palavra do acaso dado.

Cada um está só no coração da terra
trespassado por um raio de sol...
e de súbito é noite.

A Salvatore Quasímodo, poeta italiano
Prêmio Nobel de literatura pela obra poética.

POETA NÃO É

Poeta é ser inacabado
atravessado por horizontes
e dores passadas.
Acordar entre lábios de pássaros
após a morte da treva
extrair de olhos sonâmbulos
incerteza do nada
e num súbito manuscrito ver rosto
desfazendo-se como amora esmagada.
Abandonar a alameda de sentidos
seguir erma rua dos enigmas sujos.
A dormir sobre o copo o poema jaz exausto
sobre fuga do manuscrito e chegada
do poeta do terceiro sono (aconchegado ao verbo).

ENTRECOXAS (A CONSTRUÇÃO DO PÚBIS)

Entre as pernas o paraíso
brecha sublime, úmida e rósea racha
de carne e nácar
hasteada pela penugem
entre pernas relva túmida
cesta de pelos belos
florestas azuis
bosque capitoso
éden da boca,
(a que sede dos desejos não resiste).

Lasciva fonte
de odores ébrios
enleada e intrincada rede
que envulta púbica rosa.

Emaranhado belo, crespo, doce
selva de pentelho (em que me perco
e à boca).

Que minhas mãos tão decifram
adentrando-a em conchas

fonte da sede buscando
rachada flor de carnívoro aroma
(onde concentro a boca)
e capaz de gozos incomensuráveis
(e eternos).
19.10.2011

PALMO DE ALENTO

Coro de seivas soa na linfa
e pássaros inebria
atiça a noite dos unguentos velozes
e abre cânticos na treva pura.
Átimo de gozo estremece
cristais tímidos do ventre
espouca gemidos profundos
pequena morte reina.
Se esgueira pelo corpo o delírio
rolam pela alma suspiros.
Palmo de alento percorre
leito onde carne já dorme.

GEOMETRIA DO VENTRE

Em cada hectare da carne
em cada acre do corpo
pátria de meu desejo lavro
tempo cavo vida abro
sede unjo
sulco lanço
mineral sêmen e espero
fruto nu brotar
da cristalina estirpe.

**VOU ESCREVER HOJE PÁSSAROS
NO CÉU DA LAUDA
E PRODUZIR O MANUAL
DA ETIQUETA DESABADA
DO POEMA NADA RELATIVO
PARA LEITORES IMPROVÁVEIS
DOPADOS (OU PODAODOS) PELO
PARNASIANISMO
INDELÉVEL DE SUAS ALMAS.**

TÁBULA DEDICATORIAL

A saís cerimoniais e rimas fáceis
ao zênite que sorri das alturas
ao oriente noturno, ao norte da treva
ao nadir do nada, ao devoto da dúvida
à familiaridade convexa dos morcegos
às glândulas exócrinas das abelhas
à lua das esquinas áridas, aos ávidos da vida dúbia
aos árduos códigos da náusea
às carências essenciais
às carícias de cerâmica
às moções carnívoras
ao fútil lume das celebrações
aos tribunais iníquos (e penas antiquadas)
a múmias ridentes
e aos serenos abismos dos anjos

a istmos complacentes
e marés rurais
às mãos vinícolas
à retorta natal
a candelabros burlescos
a turíbulos dos sábados
às sumas cadavéricas
ao pranto da erva
ao laudo das larvas e folhas de relva
a gusanos que nunca agonizam
aos sais terríveis da morte
ao corpo do verbo, ao fêmur da rima
às clavículas da palavra alvorada.

(Quem já ouviu falar
Em morte ou verme
Ou cadáver de larva
Se apresente na página).

OS OLHOS DO HORIZONTE

Escoa a trombeta da manhã errante
assoma a cimos mudos
obrumbra pássaros tenros
risonhos torna desertos
dormentes rebanhos acorda
alucina tímpanos delicia almas
enquanto espessas caravanas
cegam horizontes.

RUMOR DE AMAR E MORRER

Segue semente tênue
rumor de azul.
Paleta de opala inocula
na terra cor parteira
rebentando do chão
louva estrelas e humilha
tintas traiçoeiras.
Que peçonha certa
dos pincéis destila
sobre rosto tenro da paisagem.
Segue fruto forte
ramo de amor e morte.

**DOIS POEMAS NUM BAR DA TARDE
DOIS POEMAS NUM BAR DA TARDE
DOIS POEMAS NUM BAR DA TARDE
DOIS POEMAS NUM BAR DA TARDE**

Caveira atiçava
átrio do bar cordobês da tarde
onde começavam vespertinos bacanais.

Sede escrava
da alma dos homens
da noite dos bares.
Pátio de São Pedro dos Clérigos, e da madrugada

MIÓSOTIS, NÃO ME ESQUEÇAS

Miósotis, não me esqueças mesmo
que toda a pátina apodreça.

Miósotis, não me esqueças mesmo
que imperem aromas de ameixas.

Miósotis, não me esqueças mesmo

que devassa seja a condessa.

Mióstotis, não me esqueças mesmo
quando qualquer volúpia arrefeça.

Mióstotis, não me esqueças mesmo
que nenhuma manhã mais amanheça.

Mióstotis, me esqueças pois
após poema precipício levanta-se.

Leões estraçalham crepúsculos
enquanto centopeias acariciam
dorso do orvalho e abetos bebem ruínas.

Leões espreitam manhãs enquanto
abro carapaças e busco
nos moluscos brilho de ladainhas
enquanto das conchas diviso aberto fulgor de tigres.

Leões rasgam máscaras enquanto
aparências urram
e cósmicos vórtices anunciam

naufrágio da palavra marinha.

Estrelas de orvalho ungem
de molhados diademas
céus úmidos.

RUMO DOS RIOS OU OS RIOS DO ROSTO DESÁGUAM NO MAR QUE É MORRER

“A morte é dama magna
com boca de graveto árida
e volumoso riso de açucena
seu corpo tem arcabouço de caatinga.
O mar da morte é rápido.”

Rios já acham caminhos
para o coração úmido da terra
suavemente limam a aridez
luz deságua sobre leito de sombra

desavisados escuros soterrando
(torrente de greda alagando a alma)
trazendo seda ao que virá
para rostos quase cegos (o cosmético certo)
e a nudez da acácia para olhos longos.

Garças florescem nas margens dos manguezais
quais flores selvagens.

Filósofo apascenta o caos
poeta provoca o cosmos.

Hóstia de trigo libidinosa
demônios consagra.

Pomposas minúcias são
são essenciais à vida social.

O cortejo do sonho é inconfessável
e a estrada do sono muito esburacada.

Nada timbra ou acata seus ardores sujos
nada enoja alma pacata à beira do êxtase.

É aterso, iníquo ou ambíguo
enterro quando o pranto é de um amigo.
(Choramos como fontes
lágrimas a rios inundam).
São hábitos do olvido
histórias de cisnes.
Cada dado cifra
uma aventura iníqua.
Cada rosa foge
do lábio que sobeja.
Cada sábia prédica
morte da paciência anuncia.

ÍGNIO

SIGNO

ÁPEIRON

O nada existe
existe o nada
existe nada
nada existe.
Às angústias
(físicas e metafísicas).
Ao hic et nunc do ego
(sempre e nunca)
A um eu sob forma de outro.
Nada mais belo (e fiel) do que o id.
Qual quid? De quem?
Coitado do ego!
O tudo é náusea e tédio
o todo é dor e derrota.

À jovem tumba do ego.
E o jovem tomba na bruma
(sob harpejo ácido do desejo).
Brinco contigo até que
gato toga rasgue
fiel à sombra da beca
sobre crápula.
Até o advento.
Até o abismo calmo
automático, largo, puro
(embora escuro).
dedico estes poemas à jusante
(e ao marinheiro Neruda)

EU SOU AQUERONTE

(não tenho ventre e a luz
em mim foi dilacerada)
Sou o acesso à terra da aflição (líquida)
pago infernal pego profundo antro
de onde nem gemidos escapam
(para fora de minha ribeira atra)
sou alimento de treva, ergástulo da alma.
Istmo sombrio que ligue
Aqueronte hórrido, de águas
ígneas e destrás
ao arcádico Estige
afluente sórdido recrio na página.
Por ele flui poema absoluto.
Rio de soberbas
águas amaras
(não rima com escaras)
rio movido a
vendavais hereges
e heréticas espumas que jorram
ao céu tenebroso

rio de águas lodosas e sem rumo
de águas tétricas, intransitivas
(egressas do pandemônio de ilhas)
borbulhante de íris ardendo e rochas líquidas
de rosto freático e soluto (magmatizadas águas da grega sina)
rio de forjas de ventre e fráguas eternas
lívida laguna dantesca.

PELO ORCO

Pelo Orco abisso se esgueiram
sombras e sombras de sombras
as pobres sombras dos homens.
Antes do cais de Caronte
(antes de tocar a ribeira de Aqueronte)
breve passagem pelo belo Letes
para beber sede de esquecer (a beleza)
então, lauto trago de esquecimento é
servido por pajens sem memória
(com canapés de amnésia dourados).

CINCO TERCETOS DE PALMARES

Caminho pela tarde imaginária
descendo de hunos e coivaras.
Das horas perdidas vestígios fumegam
nas absolutas avenidas da vida não me demoro.
A sombra do Porto (do Recife) se arrastava no cais
e os ferros das naves pareciam efêmeros (grilhões).
Ao absurdo cotidiano do homem do mundo
à cata de usuras obesas e salvaçãoes vãs.
(Gaia para salvar-se prescindirá da vida humana).
Reino das Águias, 15/05/2014
ADENDO: A ordem é o caos e sintagmas
voam pelo meu peito como águias.

A NAZIM HIKMET

ao filósofo Marcondes Torres Calazans
a quem ofereço a metade vermelha do meu coração
Apesar dos tapumes
(que me esmagam o olhar)
e dos muros que me espreitam
o peito meu coração palpita
como a estrela mais remota
e meus olhos se acasalam
com o azul da utopia
como pássaros bebem
no rosto do futuro
o néctar do dia a dia.

DE ALMA E NAVALHA

Anjos de estanho velam
há milênios fios
em porfiosas vigílias.
Lumes da lâmina erguidos
ante sóis curvos do gume
iluminam o corte.
E o ofício da ceifa se inicia
quando se apossam séquitos da foice
do corpo devassável da vítima.

VERBAL MOEDA

ao professor e rei Dom José Rodrigues

Moeda de rumor dorso
do livro habita.
De treva ourives cinzela
no frontispício da tarde
cômoros e aquarelas.
Da janela adunca
do ático compêndio
dionisíaco ouro soluça.
E transborda pelos cones
da palavra húngara.

CÂNTAROS DE SOM

SUSTENIDOS DE SEREIAS

Choviam cântaros de partituras
grosas de estrelas anãs
e razias de rãs se alastravam
no ventre dos tanques cósmicos.
Na treva de teus olhos poloneses
curados a nanquim estive.
Além de mim, música de água escoava do jasmim.
Abeira-te do útero do destino
do hímen implacável das coisas complexas
ventre inerte dos mares
pássaros que tempo escancara.
Noite antiga atravessa
tramo cerrado do meu nome
ilumina sábados vãos e labirintos ocios do coração
paisagens incrédulas devassa
clareia escuro da alma.
À néstogas, com pasmo

MATEMÁTICA

Quantos cervos tigres comeram?
Palavra em deriva leva à poesia.
Foi num sábado à tarde
que Deus expulsou Adão e Eva
fechou o paraíso, e jogou a chave fora.
(O tempo já fora criado
e o antro espaço).
Nas páginas de pedra do livro do Ser
escrevo o poema de mim.
Mas não escreverei na areia nem na água.
Amo paxás. E gueixas.
Ao coronel e filósofo Reginaldo Oliveira

CONFISSÃO FINAL

(TALVEZ SINCERA)

Não escrevo para agora.
Nunca para ontem.
(Escrevo porque a página está vazia
ou para completa plenitude do nada).
Não escrevo para a água mas pelo árido abandono.
Porque não se condecora o temor
com colares de grito apuro silêncio.
Porque se presenteia a dor
com tiaras agônicas escrevo.
Escrevo porque próximas a agonias estão
máscaras de diadema pútrido.
Não escrevo para agora, para o pó escrevo.
Quem sabe eu escreva
para desvario da sombra (de Freud ou Jung)?
Ao mestre Valter Portela

ÁLGEBRA POÉTICA

Sou um sorvo de pedra
aragem de abril sou
sol encoivarado
janeiro, fevereiro e março sou
contradição dialética e não servo
da ditatorial coerência
nenhuma algema sintética prende
ou cala os punhos do poema
a logicidade obsessiva do discurso
passa longe de meu verso (incívico)
estrofes conteudísticas destruo
desfruto da irrazão da poesia

a incoerência das ligações de palavras
é minha praia (com suas conchas de sintagmas)
amo o lilás impotente e a ternura selvagem
amo a aparência de pedra do sudeste
amo gaivota parecendo lua emocionada
nos braços do poente termino o poema.
A Rogério Generoso

CIÊNCIA

Sei que cada grão de milho sai
da fome adormecida
ou da terra esfomeada
ou da pedra da água lúcida
ou da raiva da abelha nua
ou da ira da coivara tenra.
Por isso escrevo.
Ou da rosa desnaturada.
Ou pele da alma.
Ou do monturo da náusea.
Ou apenas do veio sôfrego da vida.
Ou de um botão de rosa abortada.
Ou da clavícula de esquilo qualquer.
Por isso escrevo.

LUGAR DA POESIA

Poesia está em não dizer
no arredor do silencio
na placidez do bismuto
no arrolar da imagem
na arruela da lauda
no arrulho da romã
e na mecânica do hemistíquio.
Na fluidez sincera da pausa
no colapso do medo verbal
na entranha pura da palavra
precipício ou purgatório
na beleza do mercúrio
está a poesia.
(não está na pressa que estrangula verso).
Na música que víbora
na harpa trêmula da alma
no torneio irresoluto do verbo
na lógica da sinfonia sintagmática
está a poesia (na página plantada)
e na veia do tempo
inocula histamina.

No expulsar do antídoto
que desexcita corações
na desmedida grega
no sono da palavra liberdade
(que Éluard eternizou)
e na bagem da vocabular cascável
a poesia feroz está
em vigília felina
na quina da hora verbal
na omoplata do silêncio cristalina
quando Atlas suspende o mundo
no peso cúbico do tédio
na virulência macia da náusea
nos músculos lassos da tarde
e no violino dos olhos
está a poesia
nessa geografia de incubos
nessa safra de obuses e atrizes
nesse horizonte de fortalezas invencíveis ou civis
está a poesia.
A poesia está no desencanto ou na desventura
(e na épura que beira o espírito).
a Osman Holanda Cavalcanti

MEU CORPO

Meu corpo mergulha profundamente
em árduos rios de glicose e palavras
está cravado meu corpo sobre temor
sobre cântaro de eco quebrado
e morto arredor
os contornos do meu espírito são vazios
(e bem vaga a alma)
e tristes amestrados pelo cansaço
como o éter faminto do sono
alquebrado morro antes que a manhã acorde meus olhos
antes que o rosto termine antes
que o pássaro encante os campos
vijo sob o céu solitário novilho
rumino os aminoácidos do instinto

ante estátua do tomilho busco
ávido e brusco abrigo, guarida
para meus tormentos e suspiros
dos lábios da aurora pálido fulgor recebo
e desprezo enquanto sombras
do meio-dia agudizam alma vândala
e frio organizo os leitos crassos da aurora
que meu olhar moribundo acabrunha
e crepúsculo ofereço
ao pranto da terra e do meu
eu escuro, exijo da indecente morte
esperança enquanto o longe chorava
vi o sono dos sulcos abrir-se
e assisto à aridez da alma e comunhão
do confim com a aurora.

VIDA

A vida é feita de ruínas brancas
e demolições lentas
de dilemas como o verme ou a rosa
de máscaras inspirando rostos.
E o pior é que a alma
não escolhe corpos.

MORTE

Sobre álbum turístico de Florença
vi pousar relâmpago gótico.
Da sutileza etrusca aos ornatos
esmagadores dura um pássaro
dos florões vermelhos de Colônia
ogivas erguidas como igrejas
sobre ar otogonal da nave triunfante
cúpulas ameaçando o caixote do céu
e a ourivesaria das nuvens cantante
enquanto abatidos pelo silêncio do sal
íngremes ângulos copulam com a ferrugem
ou com os frágeis ecos
dos tímpanos da velha nave mãe
amém.

À MORTE TROPICAL

Morte tropical é árida
Mas não brota do coração dos cardos.
Emerge das conchas, coivaras, espelhos
vem das fontes noturnas do inóspito
galga penínsulas da alma
lumes do tempo atravessa.
Veste cambraia de sombra.
cai sobre rosto dos homens.
Noite tropical é nua, cambriana, sedenta
dorme nas redes, assola alpendres, rir sem dentes e
intumesce velórios. Orgasmos do escuro multiplica.
Parceira do clima, adepta da seca, é vasta redonda.
Morte tropical é profunda e atenta profeta
árido seu esgar ósseo. Podrido seu fêmur equatorial.
Intestina e dolorosa divide com aurora
lábios da claridade noite tropical.
Tem omoplatas oblongas? E dorso ágil (de negra pantera)
recebe em sua pátria escura – comarca de Caronte, párias
e cidadãos cansados das iniquidades do já esperado
com têmpera inteira e cerviz em riste ainda.
A noite do trópico é curva e amável.

TUDO O BRILHO DO APOCALIPSE ME EXALTA (OU SALVA) OS OLHOS

Todo o seu moribundo fulgor me comove
ráfagas de fogo agonizante me salvam
toda seiva impenitente e férrea
que ele cospe me lava
alma, olhos, pés, face, ânus, sonhos
por isso amo o apocalipse, mesmo venero-o
seus vórtices salvíficos e devassidão
objeto terno (e eterno) da salvação.
Como amo o caos enlouquecido
o fim das tréguas, o olvido.

PRÓSPERA RUÍNA

Ruínas prosperam
ruína por toda parte espalha-se
como fogo morto cuja cinza louca
lança e a alma do homem alcança
e a reduzem a nada
ou a pó sem culpa.
O desastre se amontoa
constroem-se de pecado a pecado
apocalipses.
Toda a impotência da espera transformou
esperança em coisa deletéria.

TUMBA TOMBA

Tombam cubos e rastros da bacia do crepúsculo
como sangue tomba na veia langue
da fraturada aorta femural
em copas de agonia corrente
alento golfando como vômito
ou lenta luz de castiçal envelhecido.
(Cubos púrpuros talhados
de agônicas cores).

BÊBADO ANÔNIMO

Ao livro Bêbado de Deus do irmão maior Gerardo de Mello Mourão

Se bebi teus seios sou deus
vencedor dos altos prélios e das sombras grandes
e minhas mãos têm
sabor de tua cor
que a greda ama.
Se teu alento me bafejou o rosto sou deus
dono cósmico do infinito
terreno e puro criador
pois sei da cor de teu sorriso
do azul ditado por teu olhar
a meu rosto anônimo e vivo.

CANTOS VERTENTES

Latada de cidreira e o abraço da malva rumorosa
gerúndios de mostarda e batalhões
de camomila de guarda
na entrada do coqueiral à esquerda do riacho pendurado
à beira do precipício branco.
Ao longo das entranhas do vesúvio de acácias
alfarrábios de lírios e tulhas (argilosas)
de erva doce entre redondilhas de rosa
flores abençoadas por gestos de baunilha
se juntavam ao mais doce ainda zumbir de abelhas sem mácula.
Néctares voando, pólen bailando, o riso do jasmim
se espalhando pelos corações dos jardins vazios
concatenados o brilho dançante da pétala
e o verde do cálice da flor
tudo se une a anunciar a manhã
que rebenta do solo ubertoso das Vertentes.

É a aurora que desponta
pressurosa e ridente
(dos olhos alvissareiros das estrelas)
digital e airosa do rosto de Vertentes
terra da palavra do coração
ágil seiva e lume vital
corça e berço
sonho de nume, garça sem sombra
silêncio que fulge
aurora cujo aroma brota
do ar montanhoso, cuja cor
é a mesma da respiração dos pássaros.
Vertentes, sítio onde a lua vem dormir
terra que contenha o último átimo do tempo.
Herdei do meu avô sonhos de cetim em maio
palavras de amor, o suor da dor
e vândalos papeis da alma espalhados
além de potes de tristezas coaguladas
e sonetos em que ele assinalava
cada 20 de maio, data da morte de minha vó
aos 15 anos, exatamente o dia do nascimento
de meu pai Cláudio Corrêa de Araújo.

LÁPIDES LAPIDARES

1.No fim? Nada!

2.Vê esse musgo, amiga
(a crescer sobre meu túmulo)
vale mais do que eu.
Está vivo!

3.Ó palavras lapidares
porém transitórias
que reuni nesta lápide precária.
O tempo não perdoa
(nem o mármore perdura)
e logo a hora as dilapidará.

4.Da morte nada se ouve
a não ser a mandíbula da larva
operando sobre o cadáver calado.
Ou o opróbrio do verme feliz.

5.A azáfama dos gusanos é uma lástima
inevitável. Talvez? Não, um triste fato.
Também ouvirás (amanhã leitora vã)
o silêncio apunhalante
ou ensurdecedor do nada.
(lápide médica de um otorrino curioso
do além corpo)

6.E os últimos dobres
do sino insano, as famosas
badaladas fúnebres, uivos metálicos
que só os vivos (ainda) ouvirão.

7.Agora paio, espírito puro... e cago
na cabeça do mundo.

8.Morrer! O problema maior
é o desemprego que grassa
nas outras dimensões.
(Espírito também tem fome de ser
e valoriza salário mesmo inefável).

9.Não há luxo na tumba
(nem comodidade nenhuma).
Só o escuro brilha no ouro
escabroso dos gusanos, cujo maxilar
despede luz horrível.

10.A tragédia da humanidade
está à vista (e sem desconto)
nesta tumba imersa no lábio
impagável da larva.

11.Agora, ao menos, sou sombra.
Ontem, não era ninguém!
(de remediado ido)

12.Foi-se o rosto no vórtice supremo
fica a pá do coveiro ao relento.
(rima vital)

13.Depois que parti, reconheço
o mundo ficou maior
(e melhor).
Bem mereço.
(de um realista sem caráter)
ADENDO: Eu era o entrave ou escolho:
escolha, leitora em passant!

14.Conduo-me (leitora transitória)
de tua triste condição:
ainda és mortal.
Eu – te garanto – não morro mais!

15.Neste deserto âmbito
nesta insolente cova
(com o rosto bem enterrado)
nesta cela de terra inexpugnável
e solidão eterna, moro
para sempre.
Deste côvado frio vejo
bem nitidamente
a infinitude do escuro.

16.A agonia da morte
(e seu triste desespero)
já não espero.

17.Aqui jazo no meu lugar eterno (mas terreno).
Verdadeira residência na terra (de Neruda).
Aqui resido, sem CEP ou CPF. Em definitivo.
Sem teto, nunca mais.
(de um morador de rua ido)

18.Graças a Deus, as mandíbulas
dos tapurus são macias. É rápidas.

19.Se no fim só é o nada (e é mesmo!)
para que serve o absoluto? A eternidade é uma merda!

PAISAGEM (DE 1985 A 1891)

Arthur Rimbaud (1854 – 1891) hippie e poeta maior (muito).
Un saison en enfer – febre do verbo gástrico, inflamação grave da palavra causada pela aguda fricção das costelas da metáfora no abdome da náusea vitae. Ou tédio do vocábulo.
Thomas de Quincey (1785 – 1859), o tedium vital alucinogênico.
Charles Baudelaire (1821 – 1867), o gosto do infinito absinto.
Happiness a warm gun (A felicidade é uma arma fumegante). Isto é, uma seringa cheia de tóxicos. Homo psychodelicus hippie.

SEM TITULO AINDA

A gastronomia é uma ilusão, tal como a astronomia, e estrelas que morrerão há milhões de anos.
Testar a imaginação na úmida concepção de pratos vistosos ou iguarias sem precedentes é perda de tempero e tempo.
Os pratos mais sofisticados são paródias dos ingredientes, falácias do paladar ou simulações de aroma e sabor bonito.
Existe só a ideia de objetos gastronômicos... e o resto é imitação rasteira com alguma pimenta.
O cogito crio e não como. Papila é válida e macia.
Só do pão interior me alimento: não contém glúten (o famigerado aglutinador das massas foi invenção soviética?).
Intuições, impressões, panelas e chama não fazem nada que delicie o espírito. E o corpo até de migalhas lixentas e bocados de óleo e frango frito vive.
Vivo não porque como ou amo, porém porque poema.

ARQUEOLOGIA MUDIÁTICA

VCA

Criei três revistas literárias, PAPELJORNAL, SINGULAR e URUBU, todas em 2013, delas publiquei e distribuí 16 edições, até julho/2014. Está última URUBU, já em quinta edição, é de Palmares. As outras, de Garanhuns. URUBU – em homenagem a esse “pássaro” ecológico, sediei no Retiro das Águias, do Prof. (de inglês e direito) José Rodrigues. Sempre, desde a 1ª das 16 revistas editadas, pedi contribuições (artigos, matérias, crônicas, notícias literárias, poemas) de Garanhuns, só o jornalista e escritor Osman Holanda e o arquiteto e editor Aristóteles Bastos contribuíram com escritos. Então, sou obrigado a escrever (assinando ou não) cerca de 80% das revistas. A URUBU está sendo uma exceção. Admmauro Gomme, Marcondes Torres Calazans e outros professores e muitos dos estudantes de Letras da FAMASUL (responsável por complexo universitário da Mata Sul), além dos outros coeditores, têm comparecido com importantes matérias literárias que abrilhantam e aprofundam as páginas (ou asas) da URUBU.

Tenho publicado – sob o título Escavações da Mídia, matérias sobre revistas já mortas, como “CIDADE”, de literatura e mundanismo, de 1940 (Garanhuns), Revista do Nordeste, de 1958 (Recife), Revista Senhor (1959) e Revista Nordeste (1960), de Gilberto Freyre: A propósito, colecionei a Revista Senhor em suas três fases. Sofro de colecionite. Tenho 10 a 11 mil livros (antes jogados num apartamento de 175m², da Av. Visc. Jequitinhonha, Boa Viagem – Recife-PE, agora amontoados em 30 m² numa cabana sobre um pântano, na zona rural de Água Preta, em pleno brejo da Mata Sul, vizinho do retiro das Águias).

Colecionei revistas, como as já citadas, e LEITURA (de 1942 a 1961), LEIA, jornal-revista, SEMANÁRIO Readers Digest (de 1938 a 1970), além de GIBIS (cerca de dois mil).

Duma rápida revista em minhas coleções de gibis (que há vinte anos não frequentava) emergiram nomes – quase legendários, que marcaram a infância de muitas gerações, tais como: Black Diamond, Buffalo Bill, Gabby Hayes, Destemida, Fogo-Vermelho, Cabelos-de-Fogo, Roy Rogers, Bill Boyd, Kid Máuser, Davy Crockett, Zorro (e o indefectível Tonto), Paladino do Oeste, Jace Pearson, Range Rider, Tim Relâmpago, Johnny Mack Brown, Tom Mix, Tex Ritter, Bob Colt, Monte Hale, Red Blanc, Bat Masterson e sua bengala, além da música-jingle da TV, Rex Allen, O Falcão Apache, Wyatt Earp (o feroso xerife de Dodge City), Gene Autry, O Homen do Rifle, Pecos Bill, Cisco Kid, Dale Evans, Nevada, Colt 45, Rocky Lane, Hapolang Cassidy, Cavaleiro Negro, entre outros tantos.

Revista como Ai, Mocinho (cujo 1º número foi de Novembro de 1949, tendo a série chegado ao número 100), Suplemento Juvenil, Nostalgia do Faroeste, História do Oeste (Epopéia Tri), Colt (a arma favorita de Billy The Kid), Reis do Faroeste, Super X, Cavaleiro Negro, Pequeninha, Paladino do Oeste me deliciaram (e deliciam até hoje, que continuo leitor constante de gibis e heróis do Velho Oeste ianque).

As capas ostentavam belas fotos coloridas de astros do cinema. Entre os mocinhos da capa: Burt Lancaster, Johnny Mack Brown, Bill Eliot, Audie Murphy, Rex Allen, Roy Rogers, Randolph Scott, Charles Starret (o durango Kid), Joel Macrea, Richard Boone, entre muitos.

Entre os notáveis (mesmo geniais) desenhistas, destaque: Dan Spiegle, Jerry Robinson, Russ Manniaz, Lee Elias, Fred Harman. E o genial Alex Raymond, criador de Flash Gordon (no Planeta Mongo), também responsável de X-9, Agente Secreto, Jim das Selvas e Rip Kirby. Raymond tornou histórias em quadrinhos obra de arte. Sem esquecer minha coleção de Epopéia.

POESIA ABSOLUTA, O QUE É ISSO?

Quanto a leitor de poesia absoluta, parafraseando o divino peripatético, o demônio estagirista, ele não é leitor qualquer, mas quem é cultivado nessa matéria. Isto é, leitor apropriado, não com o conhecimento de emoção, mas sim com a emoção do conhecimento advindo da ação (recepção) da leitura complexa.

É que poeta absoluto se dirige às estrelas (numa ação sensata) e seu leitor penetra o cosmo do verbo total. É como que PA fosse leitura para “sophoi” (pessoas sábias ou devidamente esclarecidas).

A poesia deve ser um em si desconectada de qualquer emoção superficial, a nível da pele. Algo em si, portanto, fora do âmbito do eu (banal e facilmente corruptível).

As reitoras suscetíveis de balizar as virtudes da poesia absoluta são o poder metafórico do verbo e o futuro da palavra.

Insubmissa é a vida da palavra da poesia que exacra leitor fraco, zumbi do facebook. Pois poesia absoluta tem a ver com a vida humana e tem haver de porvir do próprio homem.

A palavra não resiste submetida a escanções automáticas, submissas a ordens gramaticais infames e milenares. A palavra existe na PA (que dirige a decisão). O leitor absoluto deve ser o singular portador do facho intelectual (hoje tão apagado). Ele deve ser o si reflexo do mundo total (humano e atual) e carregar em si a responsabilidade poética de interrogar e resolver o mundo (o todo, inclusive ele) com um lápis e a mão (porque o homem é um sinal – e a vida semata).

Antes de tudo, o leitor deve sobrepujar a coação da poesia dominante há mais de cem anos (e que não veio para ficar).

A perspicácia (e insistência) da incerteza do sentido é fruto da perspectiva do leitor, em sua pertinácia de ser, além de qualquer letra ou espírito pobre. Eis onde reside a peripécia do leitor que se quer absoluto. Que une a consciência em si com a consciência de si, na empresa (ou aventura) da poesia absoluta. Do épico ao trágico e ao ético, se desdobra tal ato lírico por excelência de empreender o poema absoluto.

LEMBRAR PAULO

Vital Corrêa de Araújo

Antes de lembrar Paulo Bandeira da Cruz, o Poeta, tão recatado que guardava livros na memória, para não ser flagrado lançando-os no papel, suporte pouco nobre para a poesia, falo sobre o homem público, que brevemente conheci.

Além de advogado, emérito tributarista, perito em advocacia empresarial, jurista, com vários livros de direito, alguns publicados, outros com mais de uma edição, como o CISÃO DE SOCIEDADES NO DIREITO TRIBUTÁRIO, edição Saraiva – 1981, Paulo era uma usina de ideias culturais, criador de movimentos, jornais literários, revistas, livros coletivos, e um animador ímpar de encontros, de grupos e de ações artísticas.

A crédito de Paulo Bandeira: o Movimento POETAS DA RUA DO IMPERADOR, que ele idealizou, batizou, organizou, lançou (através do Jornal do Commercio), e manteve as colunas BÚSSOLA e ROL E LUPA, em jornal recifense; foi fundador dos movimentos FANDANGO e GERAÇÃO DO PÁTIO; criou concursos de poesia e fundou a Academia Pernambucana de Copos e Letras – APCL, em uma mesa do Bar Banguê, numa sexta-feira de 1986 (26 de setembro), no Pátio de São Pedro, cujos estatutos ele elaborou, estabelecendo que cada acadêmico escolheria uma bebida como patrono e escreveria um panegírico. O presidente de honra, à revelia, era Antônio Houaiss, Ministro, à época.

Uísque, cerveja, vodka, rum, conhaque, aguardente, vinhos, hidromel, gim, campari, entre outros, figuravam como patronos da APCL, criada por Paulo.

A grande polêmica foi a aceitação ou não da água de coco na Academia.

O patrono da cadeira nº 2, a de Paulo, era a cerveja, a quem ele fez um belíssimo elogio, declarando-se empossado e lavrando o termo respectivo no livro nº 3 de atas da Geração do Pátio.

A cadeira nº1, Paulo reservou ao seu pai literário e amigo de quatro décadas, o poeta escocês e sirinhaense, Edgard Powell, que adotou, obviamente, o uísque como patrono.

A mim (VCA), coube a cadeira número 3, cujo o patrono foi a VODKA (bolchevique), e o indefectível “NASDRÓVIA”, para o brinde.

Toda essa atividade abarca não mais de três anos.

Além de poeta, de fina e vasta obra séria, de sonetista inestimável e forte influenciador de gerações, Paulo foi contista e pintor.

Sobre a poesia breve nota torna-se necessária.

Era característica de Paulo o uso singular de sintagmas, em conjunções imprevistas, imprevisíveis, mesmo insuspeitadas, chocantes e geniais bodas de palavras díspares, pela magia do poeta reunidas no altar do soneto: dália de cãibras, alma de cócoras, garupa de alecrim, tordilho d'água, lençol de claraboia e mão de truque, mormaço de algodão, talco de cisne, prado de crochê, paiol de abelhas, cutelo de jasmim, hóstia de ferro, algemas de sigilo, pó de estrelas.

Outra marca poética de Paulo era a infância como lócus da poesia, percorridos que eram os sonetos de personagens como Chang, Cinderela, Fantasma, Peter Pan, Mandrake, Tarzan, Soldadinhos de Chumbo, Pedro Malazarte, Trancoso, Princesas, Gata Borracheira, Alice, Branca de Neve, Pinóquio, Fada Madrinha, além de menções a jogos infantis como Roda, Cirandinha, Manja e Pega, para referir apenas meia dúzia de sonetos.

De Paulo, erótico, basta: Quem sabe na paisagem açucarada / do busto até o córrego de ventre / a flor que se inaugura tatuada / se dê ao puro-sangue da semente? De Paulo, emocionado, com as mortes trágicas das garotinhas Erika e Bianca, em soneto à Raquel Di, sua filha: Na curva do silêncio Deus sentado / só espera que a flor tranque o momento / porque chegada a hora do encantado / o corpo vai deixando o monumento. / Eu penso que o anjo bom estava manco / quando escondeu as duas e o tamanco / de nuvem que Pinóquio pôs na estrada.

Mas Paulo se foi, chegada a hora do encantado, que o tempo é de tristeza e há um Deus no pasto, como em perfeitos sonetos ele plasma, não só sua vida, mas seu epitáfio.

E Paulo foi para a Morte (a Dama Inglesa), de veste preta do poema com seu soneto predileto e roupa inaugural de precipício, pronto e reto, como ele sempre esteve na vida.

E a Morte veio para Paulo com seu punhal de gelo e macadame, com sua mão de gaze e olhar de arame, no seu "medonho ofício", convidar o poeta para as passagens.

E Paulo, agora, repousa, no azul de outros espaços, vestido de outro corpo e outra medida, ressuscitado em voo noutra vida, como em magnífico soneto anunciava, firme em seu credo humano.

E é com emoção funda e estranha que relembro Paulo Bandeira da Cruz (ou Paul Drapeux de la Croix) como ele gostava de dizer, e relembro seus sonetos, avalio o imenso poeta que foi, escritor do todo, de uma inteligência ímpar, brilhante, espiritualista, tão crédulo e bondoso que foi utilizado e explorado por muitos.

TWO BEERS OR NOT TWO BEER*

Paulo Bandeira da Cruz

Lourinha suada, frasco escuro
é preciso entorná-la de mansinho
entre um e entre outro colarinho
ao ar livre e, se possível, em dia puro.
Não há mistério nem segredo na cerveja.
Todo dia é santo dia de sorvê-la
sem esquecer, porém, de armar o nó:
invente, crie, procure a companhia
que a cerveja fica choca quando é só.
Em homenagem, portanto, à Academia
de Copo sempre cheio e Letra rija

acolho o patrocínio da cerveja
ergo um brinde ao homem sério que verseja
e ao sagrado lugar onde se mija.

*soneto-panegirico à cerveja, que Paulo escreveu no Pátio de São Pedro, em
29.09.86, como condição (e tese) para ingressar na Academia Pernambucana de
Copos e Letras (APCL)

À

À nadidade de tudo
à inutilidade do desuso
à vaga quintessência do humano
ao vácuo que Deus deixou atrás de Si
a prosperar como a treva
que se crava no olho do homem
ao vazio que (a)o homem alimenta
(com arrogância e perícia)
à vacância absoluta que nos racha
à suspensão do íntimo (ou sua publicação)
ao tehon o vastíssimo
abismo do nada
em que sepultamos o ânimo
em que mergulhamos a alma
ao nada e a seus predicados ínclitos
ao eterno vazio do ser
a mim (então).

Não o ilumina lume do músculo
os traços do rosto tornam-se líquidos
(pois a infidelidade espreita brutos)
despedaça as tábuas do instante o peso do tempo
desembarcam nos dunquerque de Bizâncio títeres
a urnas fúnebres dedica cinzas
ao intestino íntimo entrega
sílabas de fúria
e júbilos colhe
da safra de penumbras
e gregos loucos empunha como verbo.

VAI DE VAIDADE

Narciso se desnuda de si mesmo
a morte pela água é seu maior triunfo
vitória afogada da vaidade sôfrega
em beber-se venceu (n)a vida
seu reflexo é o último eco ato do mundo
ao olhar-se urde espelhos aquosos
como relógios (à Dali supremo)
limas criselefantinas aplica
às minúcias de seu rosto náutico
a cinza de seu sorriso lasso
o pó de sua alma pátina do espírito
etcétera.

Veias em que navega o lume
escuros que atravessam o espírito
dos ígnios círculos que a água engendra
pelo alento (de pedra) de Narciso movida
a reverberação do concêntrico atinge
a arrebentação do rosto
a iluminar o poro do pano
até à têmpera do lençol
que escuridão erija
à espera de que olhar imole-se
a cada tristeza que se instancie ou instaure
ou sulco selvagem que à face cavalgue
ao lado da agonia da cútis remendada
rosto liquefazendo-se perfeito
na construção do ídolo vaidoso
como algo a espiralar como coleira
ou encaracolar como surpresa
ou cavalos soltos nas haras
súbitas dos sábados narcísicos:

RÁFAGAS DE CETIM

